



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de Marília

HELLEN CRISTINA GONÇALVES

As expectativas de ensino-aprendizagem dos adolescentes da 8ª série
do município de Palotina /PR

Marília - SP
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

HELLEN CRISTINA GONÇALVES

As expectativas de ensino-aprendizagem dos adolescentes da 8ª série
do município de Palotina /PR

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós – Graduação em
Educação da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –
UNESP – campus de Marília – SP como
requisito parcial á obtenção do Título de
Mestre em Educação, sob a orientação
do Dr. Carlos Fonseca Brandão.

Marília - SP

2009

Ficha catalográfica elaborada pelo
Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação – UNESP – Campus de Marília

<p>Gonçalves, Hellen Cristina.</p> <p>G635e As expectativas de ensino-aprendizagem dos adolescentes da 8ª série do município de Palotina-PR / Hellen Cristina Gonçalves – Marília, 2009. 97f. ; 30 cm.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009. Bibliografia: f. 96-97. Orientador: Dr. Carlos Fonseca Brandão.</p> <p>1. Aprendizagem. 2. Adolescente. 3. Afetividade na escola. I. Autor.II. Título.</p> <p>CDD 370.153</p>

HELLEN CRISTINA GONÇALVES

As expectativas de ensino-aprendizagem dos adolescentes da 8ª série
do município de Palotina /PR

Trabalho apresentado ao Programa de Pós – Graduação em Educação da
UNESP – campus de Marília como requisito parcial á obtenção do Título de Mestre
em Educação, sob a orientação do Dr. Carlos Fonseca Brandão.

DATA: 01 de abril de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Carlos Fonseca Brandão – UNESP - Assis

Dra Maria Cristina Gomes Machado - UEM - PR

Dra Raquel Lazzari Leite Barbosa - UNESP - Assis

DEDICATÓRIA

Dedico ao meu esposo Claudemir, meu incentivador, financiador e companheiro de todas as viagens e as minhas filhas Maria Eduarda e Ana Beatriz, cuja existência completa minha vida.

À minha amiga Simone, que também possui os mesmos interesses educacionais, e cuja amizade desenvolveu-se com base na admiração e respeito que hoje temos uma pela outra.

Á dona Hilma, amiga que sempre se preocupou com o meu almoço, na frente do computador, horário destinado por este período, ao estudo.

Percebo que algumas pessoas passam por nossas vidas e auxiliam na construção de algo, outras apresentam projetos de sonhos e outras nos desafiam a construí-lo. Por estes motivos, dedico as minhas conquistas profissionais a minha mãe, minha cunhada Cleonice e a minha sogra, que sempre me incentivaram e na minha ausência cuidaram com carinho das meninas.

AGRADECIMENTO

Agradeço as direções e equipes pedagógicas das escolas que me auxiliaram na execução da pesquisa de campo e principalmente aos alunos que participaram da mesma. Um agradecimento especial ao professor Carlos Brandão pela dedicação, paciência e presteza na orientação deste trabalho, bem como aos professores Raquel Barbosa e Alonso Bezerra que participaram do exame de qualificação contribuindo de forma significativa.

“Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo. Todos educam-se entre si, mediatizados pelo mundo”.(Paulo Freire)

RESUMO

As expectativas de ensino-aprendizagem dos adolescentes da 8ª série do município de Palotina-PR é um texto que propõe uma reflexão/análise sobre o adolescente no interior da escola. Este estudo objetiva apresentar o que os jovens estudantes de 8ª série do ensino fundamental, de escolas públicas e particulares de Palotina esperam da escola, o que sugerem ser importante estudar, como estes jovens percebem o processo socioeducativo, ou seja, as relações afetivas entre si e com os demais sujeitos do processo ensino/aprendizagem na escola. Educadores modernos defendem a afetividade que se manifesta na relação professor/aluno como constituinte inseparável do processo de construção do conhecimento. Os estudos mais recentes apontam qualidade da interação pedagógica responsável para dar um sentido afetivo para o objeto de conhecimento. A construção de uma escola democrática talvez seja um desafio possível de ser superado com o compromisso político e com a compreensão da multidimensionalidade do processo ensino/aprendizagem. Como uma nova proposta é aceita pelos alunos/adolescentes? A proposta inovadora das Diretrizes Curriculares Nacionais está correspondendo às expectativas do aluno de 8ª série? Pretende-se aprofundar este tema sem a pretensão de esgotá-lo, mas buscar um diálogo do ponto de vista dos adolescentes.

Palavras-chave: Aprendizagem. Adolescente. Afetividade na escola

SUMMARY

The expectations of teach-learning of the adolescents of 8^a series of the city of Palotina-PR is a text that considers a reflection/analysis on the adolescent in the interior of the school. This objective study to present what the young students of 8^a series of basic education, of public and particular schools of Palotina wait of the school, what they suggest to be important to study, as these young perceives the socioeducativo process, that is, the affective relations between itself and with the too much citizens of the process education/learning in the school. Modern educators defend the affectivity that if manifest in the relation professor/non-separable pupil as constituent of the process of construction of the knowledge. The studies most recent point quality of the responsible pedagogical interaction to give an affective direction with respect to the knowledge object. The construction of a democratic school perhaps either a possible challenge of being surpassed with the commitment politician and the understanding of the multidimensionalidade of the process education/learning. How new a proposal is accepted for the adolescent pupils/? The proposal innovative of the National Curricular Lines of direction is corresponding to the expectations of the pupil of 8^a series? It is intended to deepen this subject without the pretension to deplete it, but to search a dialogue of the point of view of the adolescents.

Key words: Learning. Adolescent. Affectivity in the school

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 - PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM	12
1.1 Algumas questões sobre o desenvolvimento do ser humano e aquisição de conhecimentos na escola.....	12
1.2 O que é ensinar?	19
1.3 Algumas considerações sobre a aprendizagem	22
1.4 A adolescência	23
1.4.1 Conceitos de adolescente	26
1.4.2 A crise educacional e o adolescente	30
1.4.3 Como o adolescente aprende	32
1.4.4 A relação educador – educando.....	35
CAPÍTULO 2 - ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL	37
2.1 Instituições Sociais.....	37
2.2 Compreendendo a escola como instituição social.....	39
2.3 Finalidades e intencionalidades da escola	42
2.4 Entendendo a estrutura de uma escola.....	45
2.5 Organização da escola pública no Estado do Paraná.....	48
CAPÍTULO 3 - PROPOSTA CURRICULAR DO ENSINO	52
3.1 Construção das Diretrizes Curriculares no Estado do Paraná	52
3.2 A importância do currículo.....	57
CAPÍTULO 4 - RESULTADO DO ESTUDO	61
4.1 Palotina: cidade de realização da pesquisa de campo.....	61
4.1.1 Aspectos Gerais	61
4.1.2 Aspectos educacionais da cidade de Palotina	62
4.2 Contextualizando as escolas pesquisadas.....	64
4.3 Passo a passo da pesquisa de campo.....	66
4.4 Analisando os resultados	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	96

INTRODUÇÃO

Adolescência é a fase do ciclo vital caracterizada por mudanças físicas que desencadeiam modificações na estruturação física, mas não é só isso também ocorrem mudanças significativas psíquicas e sociais que vão dando identidade e personalidade ao jovem em formação, é um período em que a questão básica a ser elaborada é a independência e a autonomia.

Paulo Freire (2001a, p. 96), diz que o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca; as experiências educacionais podem submeter o jovem à ansiedade, ao desapontamento, à rejeição e ao fracasso. O medo dos conflitos pode fazer com que o adolescente evite perguntar ou compartilhar idéias.

Freire (2001a p. 96), ainda completa que o ensino deve preparar o homem para a autonomia intelectual e para a compreensão da realidade. Sendo assim é possível entender a grande importância da escola, não apenas pelo conteúdo pedagógico que transmite, mas também pela experiência de socialização, de convívio com as diferenças de todos os tipos e em todos os níveis. A transmissão de conteúdos estruturados fora do contexto social do aluno é considerada invasão cultural ou depósito de informação e por isso é preciso conhecer o aluno. Conhecê-lo enquanto indivíduo inserido num contexto social de onde deveria sair o conteúdo a ser trabalhado. Transmitir conteúdos específicos não constitui a ação mais importante, mas despertar uma nova relação com a experiência vivida. Assim sendo, não se admite uma prática metodológica comum, um programa previamente estruturado assim como qualquer tipo de exercícios mecânicos para verificação da aprendizagem, formas essas próprias da educação bancária, onde o saber do professor é depositado no aluno, práticas essas domesticadoras, segundo Paulo Freire (2001a).

Saviani (2000, p.79) afirma que o objetivo do processo pedagógico é o crescimento do aluno, logo seus interesses devem necessariamente ser levado em conta. Portanto, a escolha do tema está fundamentada na necessidade de conhecer

melhor o que pensam os alunos adolescentes sobre a escola e seu contexto, bem como sobre os processos que a fundamentam, enquanto instituição socialmente constituída.

A experiência diária de mais de dez anos motivou a escolha desta temática para fins de estudo. Comentários constantes de docentes a respeito da falta de interesse dos adolescentes no que se refere à educação formal ocorrida no ambiente escolar. Na realidade ocorre uma relação conflituosa entre professor e o aluno adolescente, que conseqüentemente tem interferido de forma negativa no processo ensino-aprendizagem.

Além disso, acreditamos que o estudo trará importantes subsídios teóricos e práticos para a área Científica da Educação no que se refere à educação formal. Contribuirá para verificar os conceitos socialmente constituídos que os adolescentes possuem sobre a escola e seus processos, estimulando assim a reflexão do trabalho desenvolvido pelo professor, sobretudo com adolescentes.

É importante que a escola esteja ciente que cada instância colegiada traz consigo um desejo, uma visão de homem, sociedade, escola, conhecimento e cabe aos profissionais da educação buscar harmonizar os interesses pensando no bem maior, na sociedade que todos queremos: uma sociedade justa, onde todos sejam realmente cidadãos, cientes de seus direitos e também deveres.

Optamos pela pesquisa de campo porque a principal finalidade deste estudo é recolher, registrar, comparar dados coletados em campo. Acreditamos que os adolescentes deste município não devam ser muito diferentes dos adolescentes de outras localidades e, desta forma, tomamos como hipótese de que ouvindo os adolescentes poderemos conseguir estabelecer o diálogo entre a escola e o aluno adolescente. Ou ainda que o processo ensino-aprendizagem possa ser inovado no sentido de trazer benefícios na permanência com sucesso do adolescente na escola.

A questão que deu início a este projeto foi: O que pensam os adolescentes sobre aprendizagem e atividades escolares no município de Palotina – PR? A partir, dessa questão, estabelecemos como objetivo deste trabalho identificar o que os adolescentes no final do Ensino Fundamental da cidade de Palotina pensam sobre o processo de ensino-aprendizagem que se dá no interior da escola.

No primeiro capítulo, apresentamos uma visão geral sobre o desenvolvimento humano e o processo de ensino-aprendizagem, enfatizando a adolescência, faixa etária em estudo.

No segundo capítulo, trazemos uma sinopse sobre a escola, como é estruturada fisicamente, qual a finalidade da sua existência, como esta organizada o trabalho pedagógico e de que forma tem se efetivado a gestão democrática.

No terceiro capítulo, nosso objetivo foi mostrar um histórico da construção das Diretrizes Curriculares no Estado do Paraná.

Os resultados da pesquisa de campo foram apresentados no quarto capítulo, caracterização da cidade onde se realizou a pesquisa de campo, assim como os passos para sua realização.

Finalmente apresentamos as considerações finais, que mostram uma visão geral da educação escolar do ponto de vista dos alunos adolescentes, identificando fatores motivadores e não motivadores do ambiente escolar.

CAPÍTULO 1 - PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

1.1 Algumas questões sobre o desenvolvimento do ser humano e aquisição de conhecimentos na escola.

Viver e desenvolver-se implica em transformações contínuas que se realizam através da interação dos indivíduos entre si e entre os indivíduos e o meio no qual se inserem. Ao fazermos uma estimativa diante do que ouvimos dos professores e dados da coordenação pedagógica indicam que, aproximadamente, um terço dos alunos demonstra vontade de estudar, são mais organizados, e são reconhecidos pelos professores como bons alunos. Ao verificarmos o histórico familiar podemos constatar que a maioria destes alunos é oriunda de famílias melhor estruturadas em todos os aspectos: orientação religiosa; relações sociais embasadas em valores como: respeito, compromisso, amor; economicamente – não que sejam mais privilegiadas, mas que numa escala de valores, parecem administrar melhor seus recursos. Assim nos levam a acreditar que as relações com o meio são aspectos decisivos na formação do adolescente.

Por outro lado os alunos com maior problema de relacionamento inter pessoal na escola são os que não trazem o material necessário para as aulas, faltam continuamente e não tem acompanhamento da família nas atividades escolares. É possível identificar o contexto em que vivem como opostos ao citado anteriormente. Famílias desestruturadas, adolescentes que vão e voltam da casa de avós, tios, ou mesmo estranhos; sem orientação religiosa, com toda a carga que trazem de casa apresentam maiores problemas na aprendizagem. Na convivência diária na escola é perceptível verificar que a interação do indivíduo com o meio faz uma diferença considerável no seu desempenho educacional. É possível perceber através do convívio com a diversidade de alunos que a estrutura familiar tem grande influência na sua vida escolar. Este meio é um meio que podemos chamar de natural e social porque é constituído pela natureza, pelos objetos, pelas pessoas, pelas idéias, pelos valores e pelo conhecimento. O processo de desenvolvimento humano caracteriza-se por ser contínuo, estendendo-se por toda a vida do indivíduo.

Para Piaget e Vigotsky, psicólogos estudiosos do desenvolvimento psico social, o desenvolvimento é constituído por períodos que se distinguem pelo

predomínio de estratégias e possibilidades específicas de ação, interação e aprendizagem. O indivíduo se constitui enquanto membro do grupo por meio da construção da identidade cultural, o que possibilita sua permanência no grupo, e constrói, simultaneamente, sua personalidade, que o caracterizará como indivíduo único no grupo.

A adolescência é um período extremamente importante por ser uma fase de mudanças determinantes na vida do sujeito, Piaget (1997, p.13) comenta que:

O adolescente, pela característica do momento que está vivendo, se acha capaz de mudar o mundo, se rebelam de diferentes formas dependendo do contexto da atuação dos fatores sociais, culturais, familiares e pessoais, os jovens assumem idéias e comportamentos completamente diferentes. Há os que querem reproduzir a vida e, os valores da família e da sociedade, há os que contestam, rejeitam. E querem mudar; os que fogem os que lutam os que assistem os que atuam. Enfim, existem inúmeras escolhas.

Quando o adolescente não é ou não está feliz, ele se rebela isto pode não ser para agredir, mas porque acredita na sua capacidade de provocar mudanças. Atitudes muitas vezes não compreendidas pelos educadores. Foi possível perceber em algumas salas de aula, nas escolas pesquisadas, práticas bastante tradicionais: a sala de aula organizada em filas e mapa determinando o lugar de cada aluno, conteúdos transmitidos por meio de textos de livros didáticos, resumos e questionários, exercícios repetitivos, o que torna as aulas monótonas e, conseqüentemente, alunos desinteressados, alunos que são retirados da sala de aula, encaminhados para a coordenação pedagógica. Pais são chamados para por disciplina nos filhos na sala de aula.

De uma forma geral, o comportamento do adolescente é apontado por alguns educadores como difícil, poucos o relacionam com a fase em que o aluno se encontra ou mesmo conhecem as fases de desenvolvimento humano.

O desenvolvimento é um processo integrado, que abrange vários aspectos da vida humana: físico, emocional, cognitivo e social, no qual diversas funções são formadas. Enquanto espécie o ser humano apresenta, ao nascer, uma plasticidade muito grande, podendo desenvolver várias formas de comportamento, aprender várias línguas, utilizar-se de diferentes recursos e estratégias para se inserir no meio e agir sobre ele. Mas o indivíduo aprende e utiliza somente as formas de ação que existirem em seu meio, assim como ele aprende somente a língua ou as línguas que

aí forem faladas: não se trata apenas da língua materna enquanto forma de comunicação, mas atitudes que demonstrem amor, respeito, compreensão, fraternidade, solidariedade.

A relação professor-aluno neste processo de aquisição do conhecimento é uma relação específica, porque o professor não é simplesmente mais um adulto com quem o aluno interage - ele é um adulto com uma tarefa específica: ensinar.

A instituição escolar foi constituída na história da humanidade como espaço de transmissão do conhecimento formal historicamente construído. O processo de educação formal propõe, na verdade, a transformação do conhecimento que o aluno traz de sua experiência no dia a dia para um conhecimento refletido, ou seja, que ele seja transformado num conhecimento científico, entendido e elaborado.

O professor detém o conhecimento formal que o educando deverá adquirir e a interação entre ambos deve ser de tal forma que permita e promova a aprendizagem deste conhecimento para que o aluno de posse deste conhecimento possa mudar sua vida, seu meio e suas relações. Segundo Vigotsky (1988).

A ação pedagógica implica, portanto, numa relação especial em que o conhecimento é construído. Para tanto, exige do professor uma ação adequada às possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem de seus educandos. Esta relação não pode ser reduzida a uma atitude autoritária de quem detém o conhecimento e o transmite. Deve ser antes, a atitude criativa de quem detém o conhecimento formal e possibilita a formulação deste conhecimento pelo aluno, o professor mediador.

Vigotsky escreve sobre essa função mediadora, presente nos instrumentos, elaborada para a realização da atividade humana. A interação do sujeito-objeto como elemento fundamental no processo de construção e evolução do conhecimento do próprio homem. Neste sentido, as interações sociais e, em particular as que acontecem na escola vêm sendo apontadas como um caminho por meio do qual o processo de aprendizagem e desenvolvimento pode tornar-se mais produtivo na trajetória de vida do sujeito.

A ação pedagógica para o educador e para o educando passa necessariamente pela relação que cada um estabelece com o próprio instrumento-conhecimento. Sem dúvida, quando o professor ensina algo ele não está somente ensinando um conteúdo, mas ensinando a forma pela qual o aluno entra em relação

com este conteúdo, como ensina, como avalia e, o que considera como aprendizagem, algo que deve estar bem claro para o professor.

Para o exercício desta ação pedagógica, é importante que o educador domine não somente o conhecimento a ser ensinado, mas compreenda o processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno para adequar seu método às possibilidades reais de compreensão e construção de conhecimento que o aluno apresenta a cada período deste processo. É igualmente importante que o professor não perca de vista o fato de que sua interação com o aluno tem um objetivo específico que é possibilitar-lhe a apropriação do conhecimento formal. E isto só pode ser realizado pela ampliação de conceitos e transformação de significados que o aluno traz de suas experiências extras e intra - escolares anteriores.

É, portanto, nesta tríplice perspectiva que se dá a aquisição de conhecimento, na escola: o indivíduo que ensina, o indivíduo que aprende e o conhecimento. Assim as múltiplas possibilidades de interação entre eles serão sempre mediadas pelas normas institucionais, o que dá especificidade à ação pedagógica. .

Diante disso, conhecer o adolescente, para vê-lo como sujeito interagindo com o meio e com o professor, num processo dialético, como escreve Vigotsky (1998, p. 21) isso significa não uma somatória de fatores inatos e adquiridos, mas uma interação dialética que se dá desde o nascimento, entre o ser humano e o meio social e cultural em que se insere.

O conhecimento do indivíduo é continuamente transformado pelas novas informações que ele recebe e pelas experiências pelas quais passa, não apresentando um processo de desenvolvimento psicológico independente do desenvolvimento cognitivo, o que equivale dizer que o processo de desenvolvimento humano está intrinsecamente ligado à aprendizagem, sendo por ela modificado. Não são assim dois processos independentes, sendo assim importante fazermos uma distinção entre desenvolvimento em geral e o problema da aprendizagem. Para Piaget (1997).

O desenvolvimento do conhecimento é um processo espontâneo, ligado ao processo global da embriogênese que diz respeito ao desenvolvimento do corpo, mas ao mesmo tempo do sistema nervoso e das funções mentais. É um processo de desenvolvimento total que devemos re-situar no contexto geral biológico e psicológico, ou seja, está relacionado à totalidade de estruturas do conhecimento.

No entanto para Vasconcelos e Brito (2006):

Conhecimento não é mera percepção dos objetos ou das coisas quando se tem somente uma impressão de que estes existem; o conhecimento vai muito além. O verdadeiro conhecimento não se transfere de maneira mecanicista daquele que conhece para aquele que ignora; antes, faz-se construir através de maneira crítica. O conhecimento somente pode ser engendrado por sujeitos que atuam sobre a realidade, procurando diagnosticar seu conteúdo, desvendando os seus mistérios, sua essência e dando sentido cultural e científico ao resultado.

Mesmo que o sujeito tenha contato com uma diversidade de objetos, textos, pessoas, sem interagir não passará de mera percepção - impressão, há que se mediar o conhecimento. O aprendiz deverá experimentar o objeto com os sentidos, formar idéias, investigar possibilidades de uso, produzir resultado para então construir conceitos, internalizar este processo para que, de posse dessas informações e de outras acumuladas, possa então produzir seu conhecimento.

Na escola infantil, as brincadeiras dirigidas e livres, a contação de histórias, os jogos de faz de conta e outros jogos são fundamentais, não apenas para ensinar e formar sinapses, mas também para o desenvolvimento de valores, conceitos, percepções, interações que ativarão as estruturas mentais para a compreensão de conteúdos matemáticos e lingüísticos, base da formação escolar. A criança aprende na convivência com outras crianças, com o adulto, com as relações do seu meio. Mesmo quando parece desligada do mundo, por meio dos sentidos, ela está internalizando conhecimento.

O conhecimento não é uma cópia da realidade. Para conhecer um objeto ou um acontecimento não é simplesmente olhar e fazer uma cópia mental, ou uma imagem do mesmo, é necessário agir sobre ele. Conhecer é modificar, transformar o objeto e compreender o modo como o objeto é construído (PIAGET, 1997).

Uma operação é, assim, a essência do conhecimento daí a importância do adolescente participar efetivamente das experiências de ensinar-aprender. Não basta copiar regras e fórmulas prontas, resumir textos, reproduzir. É uma ação interiorizada que modifica o objeto do conhecimento.

Segundo Piaget (1997) todas as ações têm dois aspectos, um aspecto físico-material, no qual a atenção do sujeito é orientada para a especificidade do

acontecimento, e um aspecto lógico-matemático no qual o sujeito é orientado para o que é geral na ação que produziu o acontecimento.

Portanto, para Piaget o conhecimento é adquirido, construído. Sua teoria é fundamentada num estudo que propõe pensar as estruturas mentais em fases do desenvolvimento cronológico que, aliás, até hoje é considerado uma referência para estudar a aquisição do conhecimento.

Piaget não acreditava na transmissão direta de conhecimentos e, nem apenas por meio da relação social fosse possível, para ele as crianças adquirem uma forma própria de se desenvolver no social, mediante a construção pessoal desse conhecimento. Ele aprovou a construção individual como singular e diferente, embora comumente ligada e próxima daquela cultura, a criança tem chance de errar e construir. O que Piaget (1997) chamou de períodos de desequilíbrio para uma nova sustentação de bases.

Piaget e Vigotsky são teóricos interacionistas, mas com pontos de divergência. Vigotsky deteve-se mais com a questão de como os fatores sociais e culturais influenciam o desenvolvimento intelectual, é uma teoria de transmissão do conhecimento da cultura para a criança. O objetivo de sua teoria pode ser representado pela caracterização dos aspectos tipicamente humanos do comportamento, o que chamou de Funções Psicológicas Superiores, e pela elaboração de hipóteses de como essa caracterização se forma, ao longo da história humana, e de como se desenvolve durante a vida do indivíduo.

As funções psicológicas superiores consistem no modo de funcionamento psicológico tipicamente humano, tendo como comportamento: ações concretamente controladas; atenção voluntária; memorização voluntária; memorização ativa; pensamento abstrato; comportamento intelectual; capacidade de planejamento; imaginação. (VIGOTSKY, 1998).

A origem das funções superiores está nas relações sociais, segundo Vigotsky. Elas são consideradas como mecanismos elementares – ações - reflexos; reações automatizadas e processos de associação simples entre eventos. Os indivíduos interagem com agentes sociais, outras crianças - colegas; adultos - professores; e dessa forma constroem e internalizam conhecimentos nesta troca.

Em relação à aprendizagem, nessa perspectiva pode trazer uma série de comprometimentos ao aspecto pedagógico, na medida em que entende que a

educação pouco, ou quase nada, altera as determinações inatas. Os processos de ensino somente podem realizar-se, na medida em que a criança estiver pronta, madura, para efetivar determinada aprendizagem. A prática escolar não desafia, não amplia nem instrumentaliza o desenvolvimento de cada indivíduo, pois se restringe àquilo que ele já conquistou.

E, não é incomum ouvir na sala de professores ou conselhos de classe, que determinado aluno ainda é imaturo para a série. Pais são orientados a aceitarem a reprova do filho, o que na maioria das vezes concordam que a reprova vai ser melhor para o filho e que certamente no ano seguinte estará mais preparado.

O adolescente, na 8ª série, já está tão habituado a cada professor, sua forma de ensinar, que vem para escola sem estímulo para estudar. É só uma seqüência de conteúdos, que para ele, apesar de entender ser importante, não tem utilidade para resolver seus problemas imediatos. Os questionamentos que o adolescente faz aos educadores sobre a importância de aprender determinados conteúdos nunca são respondidos de formas clara, perceptível nas respostas dadas pelos adolescentes no capítulo quatro.

Lidar com as novas emoções do interesse amoroso por alguém, a falta de compreensão dos pais de que ele não é mais uma criança, a necessidade que tem de defender seus pontos de vista. Esse paradigma promove expectativa significativamente limitada do papel da educação, para o desenvolvimento individual, na medida em que considera o desempenho do aluno fruto de suas capacidades inatas. O processo educativo fica, assim, na dependência de seus traços comportamentais ou cognitivos. Desse modo, acaba gerando certo imobilismo e resignação, provocados pela convicção de que as diferenças não serão superáveis pela educação. A forma tradicional de avaliação é um fator determinante, avalia-se de forma uniforme, sem trabalhar a diversidade de alunos em uma mesma sala de aula.

Na prática escolar, podemos identificar as conseqüências da abordagem inatista não somente no que diz respeito ao desempenho intelectual, mas, também, no que se refere à forma de compreender o comportamento, de um modo geral, do aluno.

Parece-nos que a visão prática da pedagogia tradicional é permeada pelos pressupostos do ambientalismo. O papel da escola e do ensino é super valorizado, já que o aluno é um receptáculo vazio. A transmissão de grande número de

informações torna-se de extrema relevância ainda hoje, apesar da proposta histórico-crítica que segundo Saviani busca superar as teorias não-críticas; dizendo da função primordial da preparação moral e intelectual – educar para a cidadania – o que na prática, estamos longe de alcançar. (SAVIANI, 2000).

O autor considera que:

O método é essencial ao processo pedagógico, mas ele por si só não se garante e não garante uma alteração qualitativa da compreensão da prática social, na escola. Ele diz que é necessário que os agentes sociais responsáveis pela mediação da ação pedagógica sejam agentes sociais ativos, reais, uma vez que estes são também elementos objetivos da prática social. (SAVIANI, 2000).

Além de uma didática fundamentada no diálogo é necessário métodos de ensino que são determinados pela relação e referem-se aos meios a serem utilizados pelo professor e pelos alunos, implicam numa sucessão planejada e sistematizada de ações com o objetivo de promover o ensino.

1.2 O que é ensinar?

Segundo Libâneo (1993), o ensino é um meio fundamental do progresso intelectual do aluno. Tem três funções inseparáveis:

Organizar os conteúdos para a sua transmissão, de forma que os alunos possam ter uma relação subjetiva com ele: ajudar os alunos a conhecerem as suas possibilidades de aprender, orientar suas dificuldades, indicar métodos de estudo; dirigir e controlar a atividade docente para os objetivos da aprendizagem (LIBÂNEO, 1993, p.91).

O grande desafio é estabelecer uma proposta de ensino que reconheça e valorize as individualidades e pluralidade cultural e desenvolvimento do indivíduo. Libâneo (1993) define ensinar como um processo que envolve uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções.

Outras considerações foram verificadas a partir de Israel Scheffler (apud SILVA, 2005, p. 45), filósofo da educação. Este propõe que ensinar pode ser caracterizado como uma atividade que visa promover a aprendizagem e é praticada

de modo a respeitar a integridade intelectual do aluno e a sua capacidade para julgar de modo independente, inúmeras questões que estão envolvidas.

Diante disso, será verdade que o objetivo do ensino é a consecução da aprendizagem? Não poderá um ser humano ensinar outro de forma inconsciente, pelo simples exemplo? “Aprendi que não se deve confiar nas autoridades, mas não me pergunte quem ensinou, aprendi pela vida afora”. Por outro lado, será suficiente, para que qualquer atividade possa ser considerada como ensino porque visa à realização da aprendizagem? Não seria estranho dizer que tínhamos ensinado alguém a nadar mesmo que, depois de todos os esforços, essa pessoa não fosse capaz de nadar?

“Estou há seis meses a ensinar matemática a esta turma e os alunos ainda não aprenderam nada”. Segundo Scheffler, ensinar é ter como objetivo promover a aprendizagem, mas não, necessariamente, alcançá-la.

Contudo, um aluno dessa mesma turma poderia, com igual propriedade, descrever a mesma situação nos seguintes termos: aquele professor não me ensinou nada. O que pressupõe que, se o aluno não conseguiu aprender, o professor não estava a ensinar, mas somente a tentar ensinar. O que quer dizer que, ensinar visa promover a aprendizagem e, conseguir efetivamente promovê-la, isto é, referem-se a uma tentativa, outras vezes, ao seu sucesso.

Talvez seja interessante diferenciar educação escolar de educação:

Educação escolar é a educação que se desenvolve por meio do ensino, predominantemente em instituições destinadas a este fim escolar refere-se a uma atividade ofertada numa escola credenciada pelos órgãos competentes na qual se vivencia e se partilha saberes e conhecimentos, numa relação entre professor e alunos, de maneira intencional, organizada e sistemática, com a finalidade de possibilitar aos estudantes conhecerem e se apropriarem da cultura produzida, além de criarem, inventarem, inovarem e participarem das decisões. Educação refere-se às várias formas de apropriação de conhecimentos. A Educação ocorre e pode se dar em todos os lugares. Ela se constitui de práticas sociais nas relações entre seres humanos, com o desejo de socializá-los e humanizá-los culturalmente (SILVA, 2005, p. 15).

Desta forma, se considerar que hoje a sociedade educa pela mídia, MCS – Meios de Comunicação Social mais do que a própria família, como a escola deve atuar? Com ensino? Ou com a educação? Os próprios professores já não sabem como são definidos. Não sabem se são educadores, professores, trabalhadores em

educação! O que também implica na função social da escola, que sempre foi organizada de acordo com as necessidades da sociedade na qual estava inserida.

Esta indefinição do real papel da escola tem causado o esvaziamento dos conteúdos científicos, são campanhas de todo tipo, propagandas. Há uma discussão em torno dos conteúdos ensinados na escola e o seu grau de importância, além do preparo dos docentes ao ministrarem suas aulas e a sua metodologia.

Ensinar é, de fato, uma palavra com raízes profundas, com uma longa história. Palavra que possui uma multiplicidade de aplicações idiomáticas que não cabem numa definição capaz de dar a essência ou o verdadeiro significado de ensinar.

Ensinar é um processo dialógico e ativo do qual educador e educando participam, fazendo com que o educador atue como facilitador e como aquele que apóia o educando, possibilitando-lhe a construção de seu próprio saber. Ensinar não significa transferir conhecimento, mas criar possibilidades de construção desse conhecimento por parte do educando, proporcionando ao outro a percepção crítica da realidade que o rodeia (VASCONCELOS; BRITO 2006, p.97).

Partindo deste conceito, pode-se afirmar que não existe ensino sem aprendizagem, ensinar - aprender também é uma atividade social, sistemática e formal, mas implica numa relação entre dois sujeitos. Precisa-se aprender para ensinar na escola, porque exigem métodos, procedimentos, conteúdos e objetivos. Há uma relação dialética entre ensinar e aprender. Só é possível ensinar a aprender por meio da prática cognoscente, por meio das quais os educandos vão se tornando sujeitos cada vez mais críticos e aprendendo a razão de ser do objeto que estuda.

Ensinar não é transferir conhecimentos no passo a passo, vai fazendo o educador e educadora compreenderem que ensinar exige consciência do inacabamento, o reconhecimento de ser condicionado, o respeito à autonomia do ser do educando (FREIRE, 2000, p.8).

Sobre a mesma temática (SAVIANI, 1997) coloca que o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.

Portanto, o conflito no interior das escolas é muito preocupante, talvez não fosse prudente culpar os adolescentes. Eles realmente vêm para a escola para

deprestar, bagunçar, brigar ou estas atitudes podem estar relacionadas com situações internas da escola. Regulamentos, regimentos, punições, regras que não são seguidas, nem por alunos, nem por professores. Faltaria unidade nas ações pedagógicas ou falta de criatividade, atitudes de agentes sociais capazes de compreender o contexto macro social. Há jovens e adolescentes praticando atrocidades nas ruas, na família, não apenas na escola.

Sendo a aprendizagem um processo contínuo e a educação escolar a forma possível de atingir de forma mais direta o aluno adolescente, esperamos que ele possa encontrar no conhecimento a fonte de compreensão para seus conflitos e buscas.

1.3 Algumas considerações sobre a aprendizagem

A dificuldade em falar de organizações aprendentes hoje em dia é que o termo aprendizagem perdeu o seu significado central no uso que hoje se faz dele

As autoras Vasconcelos e Brito (2006, p.46) escrevem que aprendizagem se trata da real apropriação de conteúdos que depois de assimilados, digeridos e transformados, enriquecem a vida, a instrumentaliza e a dirige para novos conteúdos de conhecimento.

Assim, aprende-se na medida em que se retêm conteúdos que poderão ser usados em favor do crescimento individual; aprende-se quando se chega a conhecer o objeto de aprendizagem.

Para Ausubel (1982, p. 58), a aprendizagem significativa é o mecanismo humano, por excelência, para adquirir e armazenar a vasta quantidade de idéias e informações representadas em qualquer campo de conhecimento. Segundo o autor, a aprendizagem significativa é o processo por meio do qual uma nova informação (um novo conhecimento) se relaciona de maneira não arbitrária e substantiva (não-litera) à estrutura cognitiva do aprendiz. É no curso da aprendizagem significativa que o significado lógico do material de aprendizagem se transforma em significado psicológico para o sujeito.

Entretanto, absorver informação tem uma relação muito distante com aprendizagem real. Não faria nenhum sentido dizer, li um grande livro sobre ciclismo – agora aprendi a andar de bicicleta. Aprendizagem real é algo que vai ao centro mesmo do que significa ser humano.

Por meio da aprendizagem, nós nos recriamos, nós nos tornamos capazes de fazer algo que nunca havíamos sido capazes de fazer antes. Por meio da aprendizagem, nós reapercebemos o mundo e nossa relação para com ele. Através da aprendizagem nós estendemos a nossa capacidade de criar, de ser parte do processo gerativo da vida.

Segundo Freire (2000, p. 33) só se aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando, reinventando o que aprendeu em situações existenciais concretas.

A sala de aula é lugar propício para a análise das práticas pedagógicas e das aprendizagens realizadas. Nós professores precisamos destruir essa cultura avaliativa autoritária e arbitrária e ressignificá-la de forma a ser emancipadora. Cobrar respostas prontas que se encontram nos livros não corresponde à aprendizagem efetiva, uma vez que não sofreu nenhuma transformação. Talvez este seja um dos motivos da existência de tantos conflitos na relação professor – aluno adolescente.

1.4 A adolescência

Escolhemos a oitava série para realização da pesquisa devido à “síndrome da oitava”, Nesta série os alunos têm uma concepção que na oitava série há pouca reprovação pelo fato das turmas terem um número reduzido de aluno, é perceptível a desmotivação e para muitos é apenas um ano de espera para chegar ao ensino médio. Esse comportamento tem sido um agravante no processo educativo e tornando-se intrigante. Na verdade, é uma fase em que o adolescente precisa muito do amparo e acompanhamento do adulto. Por mais conflituoso e desgastante que isso pareça ser, a passagem da total dependência infantil para a independência do adulto parece ser abrupta.

É muito confuso: não pode sair à noite, ir para a balada, dirigir porque ainda não é responsável pelos seus atos, é menor de idade. Mas, desde os dez anos cuida da casa, dos irmãos menores ou trabalha fora. Liberdade, independência, autonomia, responsabilidade não conjugam na mesma fase. Como levar o adolescente, compreender este processo? Ele entende, mas não aceita, isso vai ser confirmado na pesquisa de campo que terá os resultados expostos no capítulo quatro, entende a necessidade e importância da escola para sua formação e

possibilidade de profissionalização, aceita os conteúdos, as disciplinas, a organização curricular, aceita até os colegas bagunceiros, apesar de expressarem que estes têm mais atenção do professor; mas reclamam da metodologia tradicional utilizada pela maioria dos professores.

Os limites existem também para os adolescentes. Saber em que situações se pode ceder e em quais tem que ser exigente; saber ser firme, sem perder a ternura, constitui um dos grandes desafios para os pais e educadores de adolescentes. A compreensão do que se passa com o adolescente nessa fase pode possibilitar uma mudança de nossas ações para com ele. É possível identificar no discurso de educadores e dos especialistas um tom queixoso, no qual, a adolescência é freqüentemente adjetivada na negatividade. O recurso para resolver a problemática que a adolescência impõe à educação, é tratá-los como pervertidos a serem reeducados?

Segundo Becker (1996, p.9) há distorções nas teorias que tentam explicar a adolescência em termos unicamente psíquicos e somáticos, não é possível hoje ignorar fatores sociais, econômicos e culturais.

Em algumas sociedades a passagem da vida infantil para a adulta acontece de forma gradativa, a criança vai assumindo novas responsabilidades até atingir a condição de adulto. Em outras sociedades esta mesma passagem é marcada pelas transformações físicas da puberdade, após é conferido ao indivíduo responsabilidades de adultos. No entanto, na nossa sociedade, a adolescência é vista como um período de vida muito complexo, até porque a definição "do ser adulto" não é muito clara, é cada vez mais fragmentada e confusa. É exigido do adolescente atitudes adultas que ele não tem condições de tomar ou se cobra dele iniciativas tomadas que a ele não pertencia, "Ihe são cobrados direitos e liberdade que ele quer, pode e precisa exercer (BECKER, 1996, p.12).

Para a pesquisadora Ivany Pinto, o projeto de vida é uma forma de inclusão do adolescente no universo social com vistas ao bem-estar, felicidade e crescente aprimoramento individual ou coletivo. "A tese que levanto mostra que o adolescente tem, sim, um projeto de vida. E que esse projeto vai de encontro às afirmativas do senso comum, que se referem ao jovem como alguém que não pensa na vida, não tem responsabilidade nem objetivos", (Vídeo conferência, 2006) afirma.

O projeto de vida do adolescente, segundo a pesquisadora, está assentado sobre o tripé família, educação e trabalho. O adolescente quer uma família, quer

educação e quer um trabalho. Mas os jovens ouvidos se mostraram desalentados: disseram que do jeito que a educação está não vai dar para construir família e nem conseguir trabalho. Todo incentivo ao estágio, mais parece um engodo. Os empresários estariam se beneficiando mais que oportunizando. Exploram a mão de obra do adolescente, que recebe uma mísera bolsa pelo mesmo trabalho que um adulto faria. Prejudica-se na escola, porque chega cansado e vê o trabalho e a escola como dois lugares muito distantes não levam o aprendizado de um lugar para o outro.

Isso que a doutora analisa vem de encontro com a realidade vista nas escolas. Parece que de repente eles deixam de ser crianças, voltam no ano seguinte rapazes e moças, falam em trabalhar, sair de casa e mesmo assim vê a escola um trampolim para uma profissão. Mas, questionam os conteúdos, os professores. Não estaria o currículo inadequado? Ou seriam os métodos, as relações inter pessoais, afetivas, a didática em sala de aula que estaria desestimulando? Há certamente aquele professor que faz a diferença, consegue criar um vínculo afetivo com o aluno. Fato este muito perceptível nas respostas dadas pelos adolescentes quando questionados, mas, também nas conversas paralelas durante a aplicação do mesmo.

Os docentes buscam compreender a linguagem dos adolescentes e fazem a mediação para a linguagem oficial ou usam a mesma linguagem para se aproximar? Conseguem convencê-los por argumentos e exemplos a importância do seu conteúdo ou ameaçam a cobrança na prova? Há uma diversidade de situações em sala de aula que poderiam ser descritas talvez como insignificantes, mas que podem certamente fazer a diferença.

A organização curricular de conteúdos segue parâmetros constituídos há anos, porém sofrem mudanças históricas na abordagem na tentativa de adequar à realidade atual. Depois dos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais o Estado do Paraná vem fazendo um grande esforço para organizar as diretrizes curriculares, coletivamente, para dar conta desta realidade instalada as escolas, é possível perceber que os professores não estão preparados para mudanças significativas, muitos têm dúvidas quanto ao objeto de estudo da sua disciplina, faltando argumentação quando questionados pelos alunos.

Na tentativa de tornar o ensino mais eficaz, no inciso III do art. 3º da Res. Nº2 CEB – Câmara de Educação Básica está escrito:

As escolas deverão reconhecer que as aprendizagens são constituídas pela interação dos processos de conhecimento com os de linguagem e os afetivos, em consequência das relações entre as distintas identidades dos vários participantes do contexto escolarizado; as diversas experiências de vida de alunos, professores e demais participantes do ambiente escolar, expressas através de múltiplas formas de diálogo, devem contribuir para a constituição de identidades afirmativas, persistentes e capazes de protagonizar ações autônomas e solidárias em relação a conhecimentos e valores indispensáveis à vida cidadã (BRASIL, 1998).

Diante disso, o grande desafio é executar o que está posto na lei. Nas experiências de construção dos Projetos Políticos Pedagógicos, de forma coletiva, ouvindo todas as instâncias colegiadas. O trabalho docente que cria as condições e os meios para que os alunos se apropriem dos conteúdos como seres intelectuais, capazes de construir seu conhecimento e, dessa forma, intervir na sua realidade, visando a sua autonomia no processo de aprendizagem e de independência de pensamento não está acontecendo efetivamente.

A assimilação dos conhecimentos e o domínio de capacidades e habilidades somente ganham sentido se levam os alunos a determinadas atitudes e convicções que orientem a sua atividade na escola e na vida, que é o caráter educativo do ensino.

A ação pedagógica da escola deve considerar as determinações legais, isto é certo, mas há a possibilidade de planejar as atividades pedagógicas pensando a comunidade concreta que está inserida. Os profissionais da escola precisam estar atentos para o tipo de aluno que freqüenta esta escola e conhecer as suas fases de desenvolvimento, para que sua ação pedagógica seja eficiente.

Acreditamos que a partir das leituras realizadas, que os alunos adolescentes do município de Palotina, se assemelham nas atitudes e pensamentos com raras especificidades regionais, mas, que, não podem passar despercebidas. Sendo assim propomos algumas reflexões sobre conceitos de adolescência.

1.4.1 Conceitos de adolescente

A palavra 'adolescência' tem sua origem etimológica no Latim "ad" ('para') + "olescere" ('crescer'); portanto 'adolescência' significaria, 'crescer para'. Pensar na etimologia desta palavra nos remete à idéia de desenvolvimento, de preparação

para o que está por vir, algo já estabelecido mais à frente; preparação esta para que a pessoa se enquadre neste à frente que está colocado. É como se a adolescência fosse uma fase que tem que ser transposta para alcançar aquilo que é ideal. Há algum tempo que a adolescência tem sido vista como o problema, um momento de crise (PEREIRA; PINTO, 2003).

De acordo com Içami Tiba (1986) a adolescência é uma das etapas em que o ser humano sofre as maiores modificações no seu processo vital, do nascimento a morte, seu início está demarcado pela puberdade.

A adolescência tem papel central na sociedade moderna e por este motivo tem sido alvo de exploração da mídia. Temos revistas semanais voltadas aos adolescentes (*Toda teen*, *Capricho*), o jornal *A Folha de S. Paulo* tem há anos um caderno chamado *Folha teen*, que discute as questões 'típicas' da vida adolescente, a Rede Globo de Televisão mantém em seu programa dominical *Fantástico* um quadro em que exploram os comportamentos do adolescente em relação a relacionamentos, dinheiro, autonomia e gostos musicais, além de uma série-novela (*Malhação*), voltadas às temáticas consideradas próprias dos jovens – há mais de dez anos em exibição com altos índices de audiência. A Rede Cultura marcou época com a série *Confissões de Adolescente*, que mostrava a história de um pai às voltas com as mudanças que ocorriam na família devido à adolescência de suas filhas. E, para citar apenas mais um exemplo, lembremos da MTV, uma emissora que tem praticamente toda a programação voltada ao público adolescente com: 'músicas para adolescentes', programas de paquera, curiosidades e entrevistas com ícones dos adolescentes.

A adolescência é uma das etapas do desenvolvimento humano caracterizada por alterações físicas, psíquicas e sociais, sendo que estas duas últimas recebem interpretações e significados diferentes dependendo da época e da cultura na qual está inser

Entende-se que há um componente biológico nas transformações características da adolescência à quais dá-se o nome de puberdade. A puberdade não é, portanto, sinônimo de adolescência, mas uma parte desta, compreendendo o período desde o aparecimento dos caracteres sexuais secundários (broto mamário, aumento do testículo e/ou desenvolvimento de pêlos pubianos, até o completo desenvolvimento físico e parada de crescimento.

A idade de início da puberdade apresenta variação individual, ocorrendo no sexo feminino mais freqüentemente entre dez e treze anos, no sexo masculino entre doze e catorze anos de idade. O processo de crescimento e desenvolvimento da adolescência ocorre em diversos setores do organismo, porém as manifestações mais evidentes e marcantes relacionam-se ao aumento de altura e peso e à maturação sexual.

Estas características biológicas são universais e ocorrem de forma semelhante em todos os seres humanos, hoje a ciência pode quantificá-las e classificá-las através de avaliação clínica (tabelas de crescimento, critérios de Tanner), exames laboratoriais (dosagem de hormônios, radiografias) e data da primeira menstruação (menarca). Entretanto, estas características não são imutáveis, pois podem ser modificadas ou interrompidas por fatores ambientais, incluindo situações de estresse (medo, ansiedade, depressão, perdas afetivas), atividade física intensa, desnutrição ou uso de substâncias químicas lícitas ou não, enfim há uma infinidade de fatores que podem interferir nesse processo.

Granville Stanley Hall (1844-1924), psicólogo e educador americano, definiu este período como sendo de tempestades e *stress*, posto que conflitos nesse estágio de desenvolvimento podem ser considerados normais. A antropóloga Margaret Mead (1901-1978) atribuía o comportamento adolescente à cultura em que o jovem está inserido. De acordo a Teoria do Processamento de Informação, cada pessoa processa as informações recebidas de formas diferentes por uma infinidade de motivos, mas uma é básica: cada pessoa é um ser único; Margaret não enxerga a adolescência como um estágio diferente, mas somente como parte da escalada do ganho de experiência.

No entanto, Becker (1996) coloca que a adolescência é a fase da depressão, um período de recolhimento e de reflexão às vezes. Esta depressão seria resultado dos “lutos” decorrentes de uma série de perdas sofridas durante o seu desenvolvimento, basicamente.

O primeiro luto é em relação à perda do corpo infantil, tendo de conviver com uma estatura e uma dimensão diferentes, e ainda escutar os comentários alarmistas das amigas da mãe: Como este menino cresceu!

O segundo luto relaciona-se com a perda dos pais infantis, idealizados como fortes e perfeitos. Entra no processo de desidealização, o adolescente passa a perceber os pais como eles realmente são.

O terceiro luto é a perda da identidade infantil e o sexo infantil. Têm que assumir um papel sócio-sexual condizente com o comportamento estabelecido pela sociedade como o esperado para o seu sexo.

O adolescente está em permanente debate consigo mesmo, e com o mundo, tentando adequar-se ao estereótipo do masculino e do feminino definido pelo contexto social onde convive. (BECKER, 1996, p. 37).

O adolescente está se tornando adulto mais cedo. É votar, a licença para dirigir tão discutida, responder criminalmente a partir dos dezesseis anos. Para Tiba (1986, p. 37):

Adolescente é um ser humano em crescimento, em evolução para atingir a maturidade biopsicossocial. É nesta fase que lê tem mais necessidade de pôr em prática a sua criatividade, para ser criativo precisa ser espontâneo; para ser espontâneo, precisa ter tomado conhecimento de si mesmo, seus potenciais, dos seus próprios sentimentos, das suas dificuldades.

Piaget entretanto, observou no comportamento adolescente um grande incremento nas habilidades cognitivas, o que pode levar a conflitos, posto que o indivíduo tem crescido, ainda a razão, a necessidade de competição e a habilidade de teorizar em termos adultos - pensamento formal e pensamento abstrato.

A busca por uma identidade única é um dos problemas que adolescentes freqüentemente encaram, desafiando autoridades e regras como um caminho para se estabelecerem como indivíduos. Nesse estágio, desportistas e artistas (entre outros) servem como modelos de comportamento e, por esta razão, suas atitudes são bastante criticadas pela sociedade.

A dualidade entre o amadurecimento do corpo e amadurecimento psicológico, freqüentemente causa certa susceptibilidade à instabilidade emocional que pode levar ao consumo de drogas ou álcool, problemas mentais ou distúrbios alimentares (como anorexia e bulimia), e a problemas sociais como a gravidez adolescente. Além disso, cientistas da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e do Instituto Nacional de Saúde Mental, ambos nos EUA, descobriram, usando técnicas de ressonância magnética, que cérebros adolescentes mudam drasticamente, inclusive com redução de massa cinzenta e aumento do volume de massa branca, o que poderia explicar boa parte dos desvios mencionados. Cabe salientar, entretanto, que

estes problemas não são exclusivos de adolescentes, e que nem todas as pessoas nessa fase estão sujeitas a eles.

Supondo que a maioria dos adolescentes da oitava série estão entre catorze e dezesseis, talvez seja possível explicar uma parte das dificuldades desta série em especial. A carga de *stress* é bastante grande posto que hoje, nesta fase a maioria é sexualmente ativa, e emocionalmente imatura para lidar com as relações sociais e amorosas. A troca constante de parceiros e os descompromissos com o outro são, sentido diferente pelos meninos e pelas meninas; as baladas e o consumo de drogas lícitas e ilícitas são fatores a serem considerados. A saúde dos adolescentes merece atenção. Assim o lazer, o descanso, a alimentação, o trabalho e o estudo deveriam ser atividades organizadas nos hábitos diários para darem maior segurança e conforto nesta fase tão conturbada.

1.4.2 A crise educacional e o adolescente

O surgimento das novas tecnologias da informação e da comunicação, em especial a informática e, seu maior objeto de estudo, o computador, tem provocado mudanças no paradigma educacional e no cotidiano das pessoas. Uma tentativa de superar a crise educacional vivida no país. A informática proporciona uma nova maneira de se aprender, na qual o computador é capaz de aprimorar o processo educativo, desenvolvendo habilidades e atitudes. A informática, aliada à robótica e aos recursos multimídia, pode tornar o processo de ensino - aprendizagem mais prazeroso por meio da criação de ambientes atraentes.

Na pesquisa realizada não abordamos nenhuma questão relacionada a tecnologia, mas no geral todas as turmas comentaram que não há utilização de laboratórios de informática, tvs pendrive, vídeos, etc. Quando questionamos sobre as metodologias utilizadas pelos professores foi confirmado pelos alunos que apenas alguns professores trabalham aulas diferentes.

O educar se constitui no processo de convivência com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais igualmente com o do outro no espaço de convivência. Se o professor não se atualiza, não consegue convencer o aluno, com sua competência em ensinar que o conhecimento é necessário e importante pela sua atitude descomprometida. Um

exemplo vale mais que mil palavras daí porque o educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca.

Para Maturana (2001, p. 29), educar ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem.

Os educadores, por sua vez, confirmam o mundo que viveu ao ser educado no educar. A educação é um processo contínuo que dura toda a vida, e que faz da comunidade na qual vivemos um mundo conservador, ao qual o educar se refere. Isto não significa, é claro, que o mundo do educar não mude, mas sim que a educação, como sistema de formação da criança e do adulto, tem efeitos de longa duração que não mudam facilmente. Há duas épocas ou períodos cruciais na história de toda pessoa que têm conseqüências fundamentais para o tipo de comunidade que trazem consigo em seu viver. São elas, a infância e a juventude.

Na infância, a criança vive em um mundo em que se funda sua possibilidade de converter-se num ser capaz de aceitar e respeitar o outro a partir da aceitação e do respeito de si mesma. Na juventude, experimenta-se a validade desse mundo de convivência na aceitação e no respeito pelo outro a partir da aceitação e do respeito por si mesmo, no começo de uma vida adulta social e individualmente responsável (MATURANA, 2001).

O adolescente está entre estas duas fases, nem na infância, nem na juventude. Por isso se caracteriza em uma fase tão complicada e tão importante. Decidir qual caminho seguir, sendo este caminho tão desconhecido é muitas vezes confuso para o adolescente. O adulto tenta lhe mostrar, mas pode não estar de acordo com a vontade do adolescente, mas com a realização dos pais; ele quer fazer sua própria experiência, fazer o seu próprio caminho.

No processo ensino - aprendizagem deve haver idas e vindas, encontros, que somam ou subtraem nas relações. O adolescente se espelha no amigo, no herói, no caso de ser pai ou a mãe, pode ser a solução para os problemas, mas não há regra, também podem querer exatamente o oposto.

Enfim, o adolescente com o número de informações possíveis hoje, se perde porque acredita saber muito, na verdade, precisa do processo educativo para elaborar essas informações, conhecer é mais do que informar. A escola precisa

encontrar uma forma de propiciar a aquisição do conhecimento dentro deste contexto.

Ouvir a opinião dos adolescentes acreditou - se ser um bom começo. Para Moran (2001), pesquisador em inovações tecnológicas, incluir a informatização como instrumento do ensino - aprendizagem pode contribuir muito nesta ressignificação do fazer pedagógico. Moran em suas obras discute como podemos mudar a escola e a universidade, para torná-las mais inovadoras, empreendedoras e acolhedoras, focando mais a pesquisa, a aprendizagem e as tecnologias possíveis. Transcreve seu comentário:

A escola pode abrir-se cada vez mais para o mundo, começando pelo seu entorno: abrir-se para o seu bairro, dialogando com organizações da região, abrir-se para os pais e famílias, trazendo-os para dentro, como aprendizes e como colaboradores no processo de ensinar e de aprender. A escola pode transformar-se em um conjunto de espaços ricos de aprendizagens significativas, presenciais e digitais, que motivem os alunos a prender ativamente, a pesquisar o tempo todo, a serem pró-ativos, a saberem tomar iniciativas, a saber, interagir. A escola necessita incorporar uma mentalidade aberta para o mundo, para a vida. Vale a pena ensinar menos coisas e mais procedimentos e metodologias ativas. Despertar o gosto por pesquisar, por aprender, a partir do que motiva os alunos, procurando chegar a alguns parâmetros esperados, mas sem forçar um só caminho. Infelizmente essa escola não está pronta, quase não existe. (MORAN, 2001)

Sabemos que não há receita, o que há são informações, estudos cabendo a cada um encontrar seu caminho. O professor também precisa desenvolver o espírito empreendedor, pesquisador, para fazer mudanças significativas na sua prática pedagógica. Lembrando ainda que o ideal atingível requer visão, metas, competência, ética e cidadania deste profissional que além de tudo precisa reconquistar seu espaço e valor na sociedade, e o mais importante, conquistar admiração dos adolescentes, abrir a janela do diálogo na busca do conhecimento.

1.4.3 Como o adolescente aprende

O adolescente, em busca de si mesmo, se rebela, questiona, critica todas as normas familiares e da escola. Por que uniforme? “Os professores não usam uniformes”. Por que não pode usar boné? Agride com a roupa desleixada, a música alta, a gíria incompreensível, a organização caótica das suas coisas, que expressa a

sua desorganização interna. Agride com as atitudes descuidadas, a postura corporal petulante, as expressões faciais de ironia ou arrogância, o olhar desafiador... Agride até quando fica calado e não responde.

O adolescente troca a opinião dos familiares pela do grupo - geralmente antagônicas - e é a turma quem dita as novas regras de conduta. Torna-se corajoso, diz não temer a nada, sente-se poderoso. Contradiz-se, reivindica, contesta, mas é ambivalente. Na maioria das vezes, a dificuldade de relacionamento entre pais e filhos, professores e alunos adolescentes, acontece porque de um lado há falta de percepção dos pais e professores de que um menino ou menina de 14 anos é já um adulto, em alguns aspectos físicos e psicológicos. Tem necessidades de adulto e permanece no estado de dependência infantil. De outro lado, o adolescente percebe que os adultos estão controlando, impondo, sugerindo: faça isso, faça aquilo, como se ainda estivessem lidando com uma criança de oito anos. Não aceitam que o adolescente faça algumas coisas fora do modelo aprendido. O que tentam fazer é encaixá-lo no modelo do mundo adulto, conhecido por eles, como se fosse o modelo único e o melhor modelo de vida e os adolescentes percebem isso e se rebela.

Para que os adolescentes possam atravessar essa fase de forma menos turbulenta, encontrando saídas criativas, e, portanto saudáveis, é necessário manter um canal de comunicação aberto para o diálogo permanente, sem obstrução. E isso não se consegue de um dia para o outro.

Precisamos acompanhar de perto o crescimento e o desenvolvimento do jovem, só intervindo quando percebemos que algo não vai bem, da mesma forma que fazemos com a saúde orgânica. O ser humano precisa ser atendido de forma integral, não só nas suas necessidades físicas, mas também nas suas necessidades psíquicas, sociais e intelectuais.

O papel dos educadores e professores é estar com eles e não contra eles, falar com eles e não deles. Os professores devem estar disponíveis, atentos, respeitando o espaço e a luta do adolescente pela busca de independência e auto-suficiência. Não devemos assumir posturas rígidas, devemos acompanhá-los, lado a lado, nem atrás, porque podemos não conseguir acompanhá-los, nem à frente, porque podemos não ser um bom guia. Devemos treinar a possibilidade de sermos considerados dispensáveis, muitas vezes.

Entretanto, para o educador não é fácil simbolizar um porto seguro para que os alunos possam recorrer sempre que se sintam em perigo e ser um refúgio para as suas decepções e desalentos.

A admiração pelo conhecimento, domínio do conteúdo pelo professor, a postura firme, mas carinhosa, as atitudes éticas e profissionais contribui muito para relação professor-aluno. Quando o adolescente admira, vê o professor como modelo, facilita a aproximação e o gosto pela matéria, isto foi confirmado na pesquisa.

Propostas de aprendizagem que desafiam, são objetivas e exigem informações que os adolescentes já dominam, mas que pode ser-lhes mostrado que apesar disso não compreendem as relações da construção histórica pela humanidade de tal conhecimento pode despertar maior interesse. Os trabalhos em grupos que fecham em debates circulares e não com a exposição à frente da sala, pois não querem pagar mico. Valorizar o que fizeram, mas apontar outras possibilidades de relações e criações, exigindo cada vez mais o grau de complexidade na elaboração escrita, verbal, estética e do próprio conteúdo.

Com isso, as tarefas que se apresentam àqueles que se dedicam à educação de adolescentes são compreender quais são os imperativos no discurso social que marcam essa negatividade quando se trata da adolescência. Os rumos tomados pelos especialistas em educação de adolescentes foram e são, seguramente, traçados sob uma lógica científica que coloca sobre o indivíduo o estigma de pertencer a uma categoria de seres humanos, e nesse caso, não é qualquer categoria, mas aquela que demanda cuidados especiais por ser naturalmente difícil e conflituosa.

Recai sobre o professor a crise da qualidade do ensino, o professor autêntico é humilde é confiante. Os grandes educadores não atraem somente pelas suas idéias, mas pelo contato pessoal. Dentro ou fora da sala de aula chamam a atenção. Há sempre algo surpreendente, diferente no que dizem, nas relações que estabelecem, na forma de olhar, na forma de comunicar-se, na forma de agir. É poço inesgotável de descobertas (MORAN, 2001).

Parece que a crise não está nos adolescentes, visto que eles são frutos da sociedade que não sabe mais como tratá-los e, conseqüentemente, a escola reproduz esta realidade. Não é só Moran, mas há uma diversidade de textos editados que responsabiliza os profissionais pela crise o que estes discordam,

devolvendo à sociedade a responsabilidade. “O papel da escola é ensinar, educação o aluno deve trazer de casa” esta é uma fala que ouvimos constantemente na sala de professores, poderíamos dizer que ensinar implica em aprender, e perguntar: O professor está ensinando?

Pensamos que enquanto a escola não assumir sua função social de ensinar os conteúdos para que de posse destes os alunos possam compreender melhor o mundo que os cerca e desenvolver sua autonomia, ainda há muito que refletir e mudar a ação pedagógica por eles desenvolvidas.

1.4.4 A relação educador – educando

A relação da criança com o adulto, na escola, é uma relação específica, porque o professor não é simplesmente mais um adulto com quem o aluno interage - ele é um adulto com uma tarefa específica.

A instituição escolar foi constituída na história da humanidade como espaço de transmissão do conhecimento formal historicamente construído. O processo de educação formal propõe, na verdade, a transformação do conhecimento que o aluno traz de sua experiência no dia-a-dia, a sua individualidade e liberdade. Entretanto, a liberdade individual está condicionada pelas exigências grupais da situação pedagógica, implicando a responsabilidade. (LIBÂNEO, 1993, p.251)

O professor detém o conhecimento formal que o educando deverá adquirir e a interação entre ambos deve ser tal que permita e promova a aprendizagem deste conhecimento.

A ação pedagógica implica, portanto, numa relação especial em que o conhecimento é construído. Para tanto, exige do adulto uma ação adequada às possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem de seus educandos. Esta relação não pode ser reduzida a uma atitude autoritária de quem detém o conhecimento e o transmite. A autoridade deve fecundar a relação educativa e não cerceá-la, o professor deve exercer um papel de mediador. (LIBÂNEO, 1993, p.251). Deve ser antes, a atitude criativa de quem detém o conhecimento formal e possibilita a formulação deste conhecimento pelo aluno.

A ação pedagógica para o educador e para o educando passa necessariamente pela relação que cada um estabelece com o próprio conhecimento. Sem dúvida, quando o professor ensina algo, ele não está somente ensinando um

conteúdo, mas ensina também a forma pela qual o aluno entra em relação com este conteúdo pela própria maneira como ensina, como avalia e o que considera como aprendizagem.

Para o exercício desta ação pedagógica, é importante que o educador domine não somente o conhecimento a ser ensinado, mas compreenda o processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno para poder adequar seu método às possibilidades reais de compreensão e construção de conhecimento que o aluno apresenta a cada período deste processo.

É igualmente importante que o professor não perca de vista o fato de que sua interação com o aluno tem um objetivo específico que é possibilitar-lhe a apropriação do conhecimento formal. E isto só pode ser realizado pela ampliação de conceitos e transformação de significados que a criança traz de suas experiências extra e intra-escolares anteriores.

É, portanto, nesta tríplice perspectiva que se dá a aquisição de conhecimento, na escola: o indivíduo que ensina, o indivíduo que aprende e o conhecimento, sendo que as múltiplas possibilidades de interação entre eles serão sempre mediadas pelas normas institucionais, o que dá especificidade à ação pedagógica.

É dentro deste contexto que se deve situar o aluno, procurando compreender a trajetória que ele realiza em seu processo de constituição como indivíduo. A vivência do adolescente na escola atende a objetivos específicos, mas as experiências aí acumuladas são partes integrantes da vida do indivíduo.

CAPÍTULO 2 - ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL

2.1 Instituições Sociais

Embora as instituições sociais como a família, a igreja e os meios de comunicação de massa, exerçam grande influência na educação dos indivíduos, a escola é a instituição especificamente organizada para transmitir seletivamente a herança cultural da sociedade às crianças e jovens.

A instituição familiar exerce forte influência sobre o indivíduo por ser o primeiro grupo social a que pertence. Cada família tem suas próprias regras de comportamento e controle. Em cada grupo familiar os membros se reconhecem biológica e culturalmente. É um grupo social primário, cuja estrutura em alguns aspectos varia no tempo e no espaço. Hoje a própria constituição familiar sofreu alterações significativas, quanto ao número de casamentos, formas de casamentos. As famílias não são mais: pai, mãe e filhos. Dois tipos de famílias se configuram de maneira geral: consangüínea ou extensa – reúne além do casal outros parentes de sangue; conjugal ou nuclear – além do casal (que pode ser a primeira formação conjugal) filhos próprios e de casamentos anteriores.

O papel da família na sociedade pós-industrial – capitalista criou um novo padrão de família, a presença do modelo formado por pais, mães e filhos no dia-a-dia foram reduzidos consideravelmente segundo estatísticas do IBGE. O pai chefe de casa, a mãe rainha do lar, o modelo tradicional de família quase não existe. Toda uma dinâmica familiar mudou em virtude disso, as mães cada vez mais estão trabalhando fora e assumindo carreira profissional, os pais, por sua vez, estão cuidando de filhos e ajudando nas tarefas domésticas.

Outra instituição é a igreja. Toda sociedade conhece alguma religião – é um fato social universal. Ao longo da história surgiram muitas formas de manifestação religiosa e é inegável a tendência moderna de dar mais ênfase aos valores sociais do que aos dogmas religiosos, de valorizar mais os aspectos sociais e humanos.

Os grandes movimentos das religiões – cristã, judaica e muçulmana, por exemplo, procuram ocupar o vazio deixado pelo desencanto geral em relação às ideologias e às utopias seculares de “igualdade e fraternidade”. Todos estes

movimentos contribuem para reconstrução de uma sociedade. São outros valores, outra política, outras organizações.

Porém, a igreja continua sendo uma instituição com grande utilidade para a construção da nova ordem social. Há até mesmo uma ideologia que no próximo milênio vai exigir da igreja um novo estilo de liderança para atrair pessoas mais instruídas, menos acostumadas a obedecer sem perguntar e com maior liberdade de escolha. A nova liderança é saber persuadir, não impor.

Outra instituição importante é o Estado, é uma instituição permanente, abstrata que não tem querer nem agir próprio, mas é representado por um governo que age em seu nome. O Estado se constituiu ao longo da história por diferentes formas de governo, no século XX uma onda de democracia participativa tomou o planeta, e modificando relações sociais como: a não discriminação ao negro, à mulher, a pessoas por crença religiosa, com isso o Estado moderno teve que se adaptar aos novos tempos.

Do ponto de vista sociológico, a escola pode ser vista como grupo social e instituição. Considerando que ela é uma reunião de indivíduos (alunos, professores, funcionários) com objetivos comuns e em contínua interação, a escola é um grupo social que transmite cultura. A escola é:

Instituição que se propõe a contribuir para a formação do educando como pessoa e como membro da sociedade, mediante a criação de condições e de oportunidades de ampliação e de sistematização de conhecimentos. O termo Escola é considerado genérico e abrangem conceitualmente a escola como instituição social, sua função e sua estrutura dentro da sociedade politicamente organizada e administrada (DUARTE, 1986 apud BRASIL, 2001).

Assim, é uma instituição porque funciona sob um conjunto de regras e procedimentos padronizados, altamente valorizados pela sociedade, cujo objetivo principal é a socialização do indivíduo e a transmissão de determinados aspectos da cultura.

Os motivos pelo qual uma unidade escolar passa a existir são os mais diferenciados. Às vezes a unidade escolar surge como uma decorrência da política educacional em prática. Em outras situações, a unidade escolar somente se viabiliza pela conquista de movimentos sociais mobilizados, ou pela iniciativa de grupos confeccionais ou de empresários.

As instituições escolares são ainda muito distintas entre si porque são freqüentadas por públicos bastante desiguais. Não somente quando esta diferença é a da idade cronológica dos alunos, como, por exemplo, os alunos da educação infantil ou os alunos do ensino superior. Há também a diferença em suas procedências espaciais ou socioeconômicas. São alunos de um determinado bairro, de uma determinada região e alunos que, em cada instituição, pertencem em sua maioria a uma mesma classe social.

O público de uma instituição escolar traz para dentro dela certa cultura e um conjunto de valores que podem estar muito próximos ou muito distantes da cultura escolar oficial. Isto faz com que os desafios pedagógicos de cada instituição sejam únicos, o que interfere profundamente no projeto pedagógico de cada unidade escolar.

As políticas educacionais oficiais não entram nas unidades escolares da mesma maneira. Há múltiplos entendimentos a respeito delas. Há diferentes acomodações ou formas de resistências para cumpri-las. Quando elas se materializam no cotidiano escolar, essa materialização é impar.

A escola como instituição social pode ser considerada de forma ampla, e, de acordo com a teoria sistêmica, como um sistema aberto, que compartilha funções e que se inter relaciona com outros sistemas que integram todo o contexto social.

Enfim, para se dizer que uma instituição escolar determinada, que ocupa um espaço geográfico específico, que se expõe para a sociedade desde a arquitetura de seu prédio, quase sempre uma denúncia da sua idade, tem sua identidade própria. A identidade de uma instituição escolar a torna singular. Entre instituições, sistemas orgânicos, o familiar é o que adquire o papel mais relevante no referente à educação e, pode se ver a escola e a família como necessitada de uma inter-relação contínua, mesmo que nem sempre sejam adequadas as atuações, já que muitas vezes a instituição escolar age como sistemas contrapostos, e não como sistemas complementares.

2.2 Compreendendo a escola como instituição social

Em todo o país, as escolas vivem momentos de ressignificação de suas funções sociais, políticas e pedagógicas. É cada vez maior a responsabilidade das escolas com a formação integral dos estudantes, hoje se fala em hominização,

tornar este estudante uma pessoa cidadã para que estes conheçam seus direitos e deveres e saibam participar com autonomia das decisões nas instâncias de suas relações.

O termo Escola vem do grego schole, que significa descanso, ou o que se faz na hora do descanso, pois na Grécia Antiga a escola era para os que não precisavam trabalhar para sobreviver, tinham que ocupar o tempo livre (SAVIANI, 1997, p.97).

A escola é o lugar para onde são enviadas crianças e adolescentes, a fim de que aprendam à cultura já produzida, aprendam a conviver com o outro e possam criar e inventar objetos, vivenciar valores, sentimentos e sonhos. A escola é o lugar de aprendizagens compartilhadas e colaborativas entre seus integrantes (SILVA, 2005, p.14).

A escola é um espaço marcante para a vida de crianças e adolescentes independente de concepções político - educacional. Nela ocorrem diversos tipos de aprendizagens e relacionamentos entre pessoas, o que não significa que essas ocorrências sejam previstas ou promovidas pela instituição social em questão. Também não significa que, no caso da existência de propostas educacionais, essas situações coincidam com o que se propõe em termos institucionais.

Escola é... O lugar onde se faz amigos. Não se trata só de prédios, sala, quadros, programas, horários, conceitos... Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha que estuda que se alegra se conhece se estima. O diretor é gente, o coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente. E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. Nada de ilha cercada de gente por todos os lados. Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizades a ninguém, nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se amarrar nela! Ora, é lógico... Numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz (FREIRE, 2001b).

Escola pode sim ser um lugar para aprender, mas também de fazer amizades, de camaradagem, divertida, alegre. Precisamos compreender que é exatamente este o lado da escola que os alunos gostam. É preciso desenvolver uma metodologia que proporcione o trabalho em equipe, um ajudando ao outro,

ensinando ao outro o que sabe, contando suas experiências, suas dificuldades e alegrias.

Há diversos questionamentos em relação a especificidade da escola, sobre o seu real papel na sociedade, a quem e de que forma ele deve servir.

Imaginar que a escola, pela sua natureza específica, seja uma barreira ao modo capitalista de produção é desconhecer a tendência histórica demonstrada por esse modo de produção de impregnar todas as esferas do trabalho humano. Além disso, esta pressuposição não consegue explicar no trabalho docente a crescente fragmentação, facilmente observável na grande empresa capitalista de educação.

A primeira reação a esta constatação é a indignação. Afinal de contas, este trabalho não pode ser comparado com o trabalho alienado do processo produtivo capitalista. Desta reação há uma tentativa de definir uma especificidade do trabalho no interior da escola.

Saviani estudou esta questão, ele fala que o problema de determinar a especificidade da educação coincide com o problema do desvendamento da natureza própria do fenômeno educativo (SAVIANI, 2000, p. 92). Isto porque ele determina a natureza da educação no âmbito da categoria do trabalho não-material, ou seja, não se separa o sujeito da produção o que ocorre na produção material.

Toda sua reflexão se desenvolve na perspectiva histórico-crítica conforme afirmação de que a natureza humana não é dada ao homem, mas é produzida sobre a base da natureza biofísica. Entendemos que o trabalho educativo é o ato de produzir direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelos homens (SAVIANI, 2000, p. 13).

Constata-se que o homem não nasce sabendo pensar, agir, avaliar suas ações é preciso aprender, o que implica num trabalho educativo. Os primeiros processos educativos coincidem com o próprio ato de viver, mas que progressivamente atinge um caráter institucional cuja forma mais perceptível se revela no surgimento da escola.

Compreender que o homem se humaniza e este processo se dá pelo trabalho que não é apenas uma atividade de sobrevivência, mas, é através do trabalho que o homem gerou cultura e por isso neste processo produtivo, a cultura, precisa ser assimilada pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos,

por outro lado exige a descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

A identificação dos elementos que precisam ser assimilados, distinguirem o que é essencial e o acidental, o principal e o secundário parece ser fundamental. Entender o que é clássico, não confundir com o tradicional, constitui num critério útil para definição dos conteúdos.

A descoberta das formas adequadas de desenvolvimento do trabalho pedagógico trata-se da organização dos meios: conteúdos, espaço, tempo e procedimentos para que cada indivíduo singular realize, na forma de segunda natureza, a humanidade produzida historicamente. Os estudos de Saviani(2000) apontam para a definição do papel da escola: consiste na socialização do saber sistematizado, isto é, não fragmentado, espontâneo, de senso comum, mas o conhecimento científico.

2.3 Finalidades e intencionalidades da escola

Clássico na escola é a transmissão - assimilação do saber sistematizado. Este é o fim a atingir. Para encontrar uma maneira para elaborar os métodos e as formas de organização do conjunto de atividades da escola, ou seja, do currículo, não basta à existência do saber sistematizado é necessário viabilizar as condições de sua transmissão e assimilação (SAVIANI, 1997, p.25).

O processo de aprendizagem deve proporcionar ao aluno a possibilidade de agir livremente com a aquisição do conhecimento. Exemplo: aprende a ler e escrever. Ele deve dominar os mecanismos próprios da linguagem escrita. Dominadas as formas básicas, a leitura e a escrita podem fluir com segurança e desenvoltura.

A formação do caráter neste processo de humanização, talvez pelas circunstâncias atuais, existe, a encontramos na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu contexto e princípios o desenvolvimento da capacidade de aprender a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamentam a sociedade; o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

O que é compreender os valores em que se fundamenta a sociedade? Qual o significado de formar atitudes e valores? Como interpretar o trabalho de fortalecer os laços de solidariedade humana? Certamente não estamos falando de aulas em que serão trabalhados conceitos abstratos para serem decorados e exibidos numa prova, mas sim de educação plena do indivíduo, educação profunda para o melhor exercício do viver, fazendo com que ele estude, reflita, pratique, sobre valores humanos, ética, comportamento, ou seja, formar e não apenas instruir.

A função genérica da escola é educar o aluno. Como parte de sua função, ela também tenta consolidar a implantação de valores da sociedade que ela representa e da quais os alunos provêm. Desempenhando as funções de selecionar, transmitir conhecimento, estimular atitudes consideradas úteis para a aprendizagem, preparar o indivíduo para o convívio social.

Assim, a escola, como espaço sociocultural, é entendida como um espaço próprio, ordenado em dupla dimensão: institucionalmente, por meio de regras e normas que buscam unificar e delimitar a ação de seus sujeitos e, cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposições de normas e estratégias individuais ou coletivas de transgressão e de acordos.

Ainda considerando a finalidade da escola no processo educativo do adolescente, é cabível observar que, assim como o que ocorre nas famílias, as constantes mudanças sociais colaboram para uma crise sistemática no sistema escolar, já que este não pode confirmar uma coerência entre os modelos educativos utilizados que atuam sobre o desenvolvimento individual e a demanda da organização social.

Apesar das dificuldades, a função formadora da escola, considerando o desenvolvimento humano como fruto da relação do indivíduo com seu meio ambiente percebe-se o valor do espaço escolar na vida do indivíduo. (VIGOSTSKI, 1998)

Analisando a LDB encontram-se, principalmente nos Artigos 12º, 13º e 14º, elementos norteadores legitimando a participação conjunta na estruturação e execução do projeto político pedagógico. O primeiro artigo menciona a responsabilidade dos estabelecimentos de ensino em cumprir as normas do seu sistema de ensino, elaborando a sua proposta pedagógica. No artigo seguinte são apresentadas as incumbências dos docentes na elaboração da proposta pedagógica

do estabelecimento de ensino e o seu plano de trabalho de acordo com a proposta e o último artigo citado tratam da gestão democrática.

A intencionalidade está no ato de projetar político e pedagogicamente. Isso significa uma construção conjunta, visando às necessidades da sociedade e da comunidade escolar ali envolvida. A discussão sobre os objetivos, desejos e necessidades da comunidade é essencial para que o projeto tenha uma verdadeira implicação no cotidiano dos indivíduos. Somente com a possibilidade de circulação de idéias e opiniões é que a comunidade escolar se apropriará deste elemento que deverá ser o sustentador das práticas escolares.

A apropriação refere-se no sentido de estar implicado na construção e execução de algo que é nosso. Projeto elaborado com os propósitos de uma comunidade, e não somente partindo de um desejo único. O projeto político pedagógico tem como princípio a coletividade e a democracia, a lei vigente citada acima traz em seus parágrafos estes elementos objetivados.

A teoria é outro elemento muito esclarecedor e abundante quando se refere ao projeto político pedagógico. Ele tem sido objeto de estudos para professores, pesquisadores e instituições educacionais em nível nacional, estadual e municipal, em busca da melhoria da qualidade de ensino. Portanto, pode-se concluir que se sabe da sua importância no contexto escolar. Na teoria encontram-se as principais características de um projeto pedagógico, segundo Silva (2003) são elas: totalidade, identidade, intencionalidade, dinamismo, construção democrática e a transparência.

A totalidade refere-se à abrangência do projeto. Ele deve englobar toda a ação da escola. Trazendo o “todo” escolar e como a escola irá manejar estes elementos ela mostra a sua identidade, também direcionando à uma intencionalidade, que demonstra que esse projeto não é apenas um elemento burocrático da instituição. Estes elementos propiciam um dinamismo para o projeto que deve estar sempre em movimento no cotidiano da instituição.

A construção democrática, comentada anteriormente, demonstra a necessidade de o projeto ser construído de forma participativa e solidária, isso desencadeia a transparência do que é elaborado como estruturador da escola. Estes elementos devem perpassar e atravessar o projeto na sua elaboração, execução e possíveis modificações. Silva acrescenta, ainda, que:

A importância desses princípios está em garantir sua operacionalização nas estruturas escolares, pois uma coisa é estar no papel, na legislação, na proposta, no currículo, e outra é estar ocorrendo na dinâmica interna da escola, no real, no concreto. Para promover a ação pedagógica efetiva e um ambiente propício à aprendizagem, é necessário estreitar a relação e estabelecer canais mais eficientes de comunicação entre família–escola - sociedade, a fim de que estas atuem de forma complementar, orientando-se na mesma direção e tendo objetivos comuns. A criação de um contexto crítico que estabeleça um canal de diálogo permanente é um desafio que, se concretizado, poderá vir a facilitar a tarefa educativa (SILVA, 2005, p. 82).

2.4 Entendendo a estrutura de uma escola

Para entender a estruturação da escola é interessante fazer um exercício reflexivo da escola enquanto grupo social. O Educador precisa entender esta concepção para assim entender como e por que a estrutura da escola é como é. Entender que a estrutura administrativa de uma escola exprime a sua organização no plano consciente corresponde a uma ordenação racional, deliberada pelo Poder Público. A estrutura total de uma escola é, todavia algo mais amplo, compreendendo não apenas as relações ordenadas conscientemente, mas, ainda, todas as que derivam da sua existência. Isto vale dizer que, ao lado das relações oficialmente previstas, que o Legislador toma em consideração para estabelecer as normas administrativas, há outras que escapam à sua previsão, pois nascem da própria dinâmica do grupo social escolar. Deste modo, se há uma organização administrativa igual para todas as escolas de determinado tipo, pode-se dizer que cada uma delas é diferente da outra, por apresentar características devidas à sua sociabilidade própria.

Caso, porém, seja capaz de apreender a realidade total da escola, o educador poderá analisar de maneira adequada a realidade de cada escola, que não lhe aparecerá mais como estabelecimento de ensino a ser enquadrado nas normas racionais da Legislação Escolar, mas como algo autônomo, vivo no que tem de próprio e por assim dizer único. A adoção deste ponto de vista alarga e aprofunda a visão do educador, permitindo-lhe uma ação educacional mais larga e compreensiva. A existência da escola depende basicamente da atividade combinada dos seus membros: os que ensinam e os que aprendem.

Segundo Cândido (1964, p. 109) :

Cada escola enquanto grupo social mantém certo grau de autonomia interna, uma ordem que lhe é específica, similar à de muitas outras escolas, mas diferente de outros tipos de grupos, uma vez que os papéis de professores e alunos são essencialmente diferentes dos papéis dos membros de quaisquer outros grupos, e que a organização e estrutura da escola não podem ser incorporadas às de qualquer outro grupo.

No entanto, a maioria das escolas é instituída, devendo seguir normas estabelecidas pelo poder público, com o intuito de adequá-las as suas finalidades próprias.

Neste terreno, o estudante deve preparar-se, sobretudo, para considerar as resultantes sociais da coexistência de adultos e imaturos. Aqueles exercem um conjunto de pressões que atendem mais aos interesses da organização social do que aos interesses destes, e estes reagem a seu modo, procurando dar expressão à sua sociabilidade própria. Estabelece-se deste modo uma dupla corrente de sociabilidade: a que envolve o ajustamento do imaturo aos padrões do adulto, e a que exprime as suas necessidades e tendências. Na confluência de ambas situa-se a prática pedagógica, tanto mais satisfatória quanto melhor conseguir atenuar a tensão das duas correntes. Esta pode ser latente, limitando-se à concorrência normal dos grupos de idade, e pode ser conflitual, levando ao desenvolvimento de atitudes e normas socialmente reprovadas, que desviam da organização social, como é o caso dos grupos de delinquência infantil e juvenil. Num sentido e noutro, influem, é claro, a condição do meio.

No caso da escola, considerando-se a presença de uma super ordenação racional expressa na administração e no ensino, e de uma população imatura com problemas específicos de ajustamento, torna-se evidente que as relações entre ambas darão lugar a uma diversificação de relações, atitudes, comportamentos, valores. Por outras palavras, a escola constitui um ambiente social peculiar, caracterizado pelas formas de tensão e acomodação entre administradores e professores - representando os padrões cristalizados da sociedade - e os imaturos, que deverão equacionar na sua conduta, as exigências desta com as da sua própria sociabilidade.

Adquiridas as noções indispensáveis sobre a sociabilidade da infância e da adolescência, podemos encarar a análise da escola como agrupamento social dotado de uma estrutura própria.

Na escola a estruturação é constituída por instâncias administrativa: direção, secretaria, auxiliares administrativos, profissionais de apoio ou serviços gerais; pedagógica: coordenação pedagógica, corpo docente, bibliotecária, corpo discente e órgãos colegiados: Conselho Escolar, Associação de Pais, Mestres e Funcionários, Grêmio Estudantil e Conselho de Classe.

Na escola existem três espécies de sanções administrativas, pedagógicas e sociais, Cândido (1964) explica que:

As três podem reger tanto o comportamento dos educadores quanto dos educandos, exclusivo é as que excluem o indivíduo do grupo de modo definitivo (expulsão do colégio) ou transitório (suspensão do aluno); corretivas São corretivas as que agem no sentido de retificar o comportamento desviado (castigo, reprimenda, reprovação); ou prestativas as que impõem uma retribuição (multa, cópia dos erros, submissão ao professor ofendido). As sanções administrativas têm por finalidade punir o comportamento do aluno ou educador que se desvie do que a Legislação escolar e os regulamentos internos determinam. É a suspensão do insubordinado, a dispensa do relapso, a punição do atrasado, a reprovação do que não comparece.

As sanções pedagógicas visam não à conformidade do comportamento à norma administrativa, mas à aprendizagem. É a suspensão do desatento, a reprovação do ignorante, a censura do vadio, o castigo do inaplicado. A intensidade e a qualidade das sanções variam no tempo e no espaço; e, numa mesma comunidade, segundo os ideais educacionais dominantes.

A escola precisa se adequar, tanto fisicamente como estruturalmente para que possa atender a Educação Inclusiva. Com as escolas ainda funcionando com séries, currículos fechados e ou adaptações curriculares e avaliações formatadas, com professores trabalhando de forma isolada, sem bases teóricas para que possam melhorar suas práticas. Urgimos da mudança de funcionamento do sistema escolar por ciclos, currículos individuais, progressão continuada, avaliações contínuas e auto-avaliações, respeitando a individualidade todos os alunos. É preciso uma educação pautada na cooperação, na criatividade, na reflexão crítica, na solidariedade, uma educação libertária e emancipadora.

De acordo com o Seminário Internacional do Consórcio da Deficiência e do Desenvolvimento sobre a Educação Inclusiva, realizado em março de 1998 em

Angra, na Índia, um sistema educacional só pode ser considerado inclusivo quando abrange a definição ampla deste conceito: reconhece que todas as crianças podem aprender; reconhece e respeita diferenças nas crianças: idade, sexo, etnia, língua, deficiência/inabilidade, classe social, estado de saúde (HIV, Tuberculose, Hemofilia, Hidrocefalia, ou qualquer outra condição); permite que as estruturas, sistemas e metodologias de ensino atendam as necessidades de todas as crianças; não deve ser restrito ou limitado por salas de aula numerosas nem por falta de recursos materiais.

2.5 Organização da escola pública no Estado do Paraná

A organização da escola pública no Estado do Paraná fundamenta-se nos princípios da gestão democrática, consolidando o Sistema Nacional. A articulação democrática das diferentes esferas de poder (federal, estadual e municipal), visando à necessária integração entre seus planos de educação, garantindo organização e gestão das escolas e instituições e os sistemas de ensino, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, de procedimentos e formas democráticas de modo a combater e superar quaisquer formas de discriminação.

Este busca o fortalecimento dos Conselhos Escolares, como instância máxima de direção, de forma a deliberar sobre as questões administrativas, financeiras e pedagógicas, com plano de formação contínua dos seus membros, extensiva à comunidade escolar, incorporando ainda na estrutura de decisão e no planejamento escolar as Assembléias Comunitárias – APMFs.

A implantação dos Grêmios Estudantis, como forma de ampliação e democratização das decisões, em certas situações a serem definidas no Regimento Escolar.

O processo eleitoral em todas as escolas públicas, a direção das unidades escolares deverá evoluir de forma a aprimorar a gestão da escola pública no sentido de melhor desempenho das suas funções nos aspectos administrativos, financeiros e pedagógicos. Todas essas medidas estão em consonância com uma realidade que exige cada vez mais sujeitos autônomos e empreendedores.

A organização dos níveis e modalidades de ensino em Educação Infantil, Educação Básica e Ensino Superior, Educação de Jovens e Adultos, Educação à Distância, Educação Indígena, etc, bem como o sistema de cotas têm a intenção de

universalizar o ensino gratuito, primando pela indissociabilidade entre acesso, permanência, qualidade e continuidade nos estudos, como estabelece a Lei 9394/96.

Tem como objetivo propiciar condições para uma avaliação realmente processual, bem como participação efetiva e qualitativa de todos os profissionais que trabalham com o aluno, prevendo tempo específico para o conselho de classe no calendário escolar, dentro dos 200 dias letivos, atendendo características de cada escola. Estas são medidas para democratização da escola.

Deve-se considerar as críticas e proposições indicadas no texto consolidado do PNE – Proposta da Sociedade Brasileira referentes ao Ensino Médio e à Educação Profissional, tendo o cuidado de atualizar as proposições no que tange às indicações legais. Considerando que a importância e o destaque à educação profissional não significa tomá-la como panacéia capaz de promover o desenvolvimento e gerar empregos, mas sim constituí-la em um dos elementos fundamentais à implantação de uma política de emprego e renda.

Defesa da valorização, na organização curricular do Ensino Médio e Educação Profissional, das disciplinas humanísticas, em virtude de constituírem-se em instrumentos fundamentais para o autoconhecimento e leitura do contexto onde vive o aluno. O trabalho, entendido como produção da existência humana e enquanto princípio da organização da ação pedagógica deva orientar a concepção na qual se fundamentam os conteúdos, os métodos de ensino e a avaliação, superando a fragmentação da formação técnica e acadêmica, hoje, ainda, presentes tanto na organização curricular, como nas formas de oferta do Ensino Médio e Profissional.

É pleiteada a oferta de Educação Especial que se constitui em um conjunto de condições diferenciadas quanto às formas e aos procedimentos em relação às necessidades educacionais especiais dos alunos, no âmbito da escola comum, em todos os níveis de ensino, e atendimento especializado nos âmbitos de escolas especiais e centros de atendimento especializados interdisciplinares, articuladas em atendimentos nas áreas de educação, saúde, assistência, trabalho, esporte, cultura e lazer, compreendendo os respectivos profissionais capacitados e especializados, recursos materiais, físicos e financeiros.

Pretende-se que a Educação Básica para os Jovens, Adultos e Idosos na rede pública estadual de ensino vise uma formação crítica e emancipadora para a

conquista da cidadania por meio do acesso aos diferentes saberes, assegurando: formação humanista e inclusiva que garanta o desenvolvimento afetivo, intelectual, social, cultural e político dos educandos numa perspectiva de conquista da cidadania.

A educação do campo está comprometida com um modelo de desenvolvimento que respeite a natureza, mantendo a biodiversidade, a água e a terra como bens públicos, sendo o uso comum da terra gestada pelos trabalhadores (as).

Regulamentação, por parte do Estado e com apoio dos municípios, da categoria “Escola Indígena” que promova a educação diferenciada, intercultural, bilíngüe e de qualidade, esta também previsto na legislação estadual. Busca-se, desta forma o Ensino básico em todos os níveis e modalidades nas comunidades indígenas, assegurando o conhecimento universal e o conhecimento de sua própria história, preservando a identidade étnico-cultural de cada povo.

De acordo com o estatuto dos povos indígenas a educação escolar indígena, específica e diferenciada, será organizada em distritos educacionais (instâncias de participação e decisão direta dos povos indígenas acerca de seus processos escolares com configurações geográficas que respeitem as diversidades sócio-culturais, cujo espaço decisório é constituído em Assembléias, compostas pelos membros das comunidades indígenas dos respectivos distritos), integrantes de um sub-sistema, vinculado ao sistema federal de ensino que terá seu financiamento garantido pela união.

Nessa política estadual está previsto a manutenção de escolas públicas estaduais que ofertem Ensino Fundamental e Médio, Regular, EJA, Ensino Médio Profissionalizante de acordo com as atividades desenvolvidas em cada comunidade (artesanato, produção agrícola, preservação do meio ambiente).

O ensino de nove anos no Paraná está com implantação gradativa, de acordo com a política municipal, portando deixando de ser organizado por série. Não há mais organização por ciclo ou outra nomenclatura.

Acreditamos ser importante essa explanação para se ter uma visão geral de como está organizada, no Paraná a educação, principalmente para que os profissionais da educação tenham esta visão e possam fazer intervenções pedagógicas mais consistentes, respondendo à pergunta que não se cala entre os alunos. Para que estudar?

Todo grupo organizado, toda sociedade como está concebida nos dias atuais, não sobreviverá sem conhecimento e há que se reconhecer a necessidade de investir no ser humano. Novas tecnologias são necessárias sim, mas o homem mais humano, mais consciente do seu papel no ambiente, no universo é que realmente pode salvar o mundo dessa violência crescente.

A organização, na escola, de órgãos colegiados como Conselho Escolar, APMFs, Grêmios Estudantis na gestão democrática e colegiada fecha uma proposta de exercício e educação pra a cidadania. A formação de cidadãos se faz por práticas democráticas de processos decisórios e, conseqüentemente, comprometimento de todos.

A equipe pedagógica, na escola é o coração, o cérebro e os sentidos. Pela coordenação, no estabelecimento de ensino, das Diretrizes Curriculares definidas no Projeto Político-Pedagógico e no Regimento Escolar, em consonância com a política educacional e orientações emanadas da Secretaria de Estado da Educação é ela que harmoniza, promove a interação e integração entre os membros da comunidade escolar.

O Plano de Ação do estabelecimento de ensino escrito pelo coletivo da escola deverá ser executado por este coletivo, pais, alunos e profissionais com metas comuns. A equipe pedagógica vai orientar a comunidade escolar na construção de um processo pedagógico, em uma perspectiva democrática; participar e intervir, junto à direção, na organização do trabalho pedagógico no sentido de realizar a função social e a especificidade da educação escolar.

Os alunos participam desse processo, podendo observar e aprofundar valores éticos, solidários ao mesmo tempo em que aprende se apropria de conteúdos que realmente podem mudar suas atitudes cotidianas, interferirem na sua realidade.

CAPÍTULO 3 - PROPOSTA CURRICULAR DO ENSINO

3.1 Construção das Diretrizes Curriculares no Estado do Paraná

Na década de 1990 o Estado do Paraná promoveu um trabalho de grande dimensão, envolvendo profissionais da educação que resultou na elaboração do Currículo Básico, manual das escolas públicas e particulares, naquele momento. Com a mudança de governo esta proposta não teve continuidade, acontecendo à implantação dos PCNS.

A proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs, propunha uma ação pedagógica voltada para o desenvolvimento de competências e habilidades. Com a autonomia proporcionada as escolas, multiplicaram-se as concepções e as propostas diferenciadas, cada unidade escolar elaborou suas propostas pedagógicas e matrizes curriculares sem direcionamento qualquer. O fato é que os PCNs não correspondiam como orientadores dos currículos das escolas públicas estaduais e assim foram organizados com base em conteúdos atitudinais, procedimentais e cognitivo, privilegiando uma abordagem psicológica e sociológica dos conteúdos, esvaziando a abordagem do objeto de estudo das disciplinas, dos conteúdos específicos e do desenvolvimento do pensamento crítico.

Os programas promovidos pelo MEC como, por exemplo, o SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica tinham como referência os PCNs o que, conseqüentemente, motivou as unidades escolares, para obtenção de resultados satisfatórios utilizarem os PCNs não como apoio, como referência, mas, sim como currículo propriamente dito.

Com todo esse movimento percebeu-se a necessidade de efetivar uma nova reflexão curricular que resultasse na construção de diretrizes curriculares que entendessem a escola como espaço de conhecimento, a concepção de educação, de currículo que pudesse orientar as decisões do coletivo dos profissionais da educação quanto à sua proposta curricular que faria parte do Projeto Político Pedagógico.

A construção das Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental da rede pública no Estado do Paraná aconteceu concomitante ao processo de formação continuada nos anos de 2004, 2005 e 2006. O projeto de formação continuada foi

previsto após diagnóstico realizado em 2003 que indicou que basicamente a maioria dos profissionais da educação do Estado estava afastada de qualquer tipo de atualização profissional, a sociedade aspirava à inserção de temas sociais contemporâneos no currículo escolar e a necessidade de cumprir a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 no artigo 67, no inciso V que diz:

Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira no magistério, período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho (BRASIL, 1998).

Neste momento também era alarmante a diversidade curricular existente num mesmo município, não havia articulação entre os professores uma vez que seus encaminhamentos eram muito diferenciados, nem orientações que norteassem as concepções de educação, de escola, de homem, de mundo, de sociedade, responsabilidade da mantenedora – SEED – Secretaria de Estado da Educação. A carga horária fragmentada entre as disciplinas da Base Comum e a Parte Diversificada foi um fator de destaque.

Para que esse projeto realmente se concretizasse e fosse capaz de atingir todos os profissionais da educação fazendo-os protagonistas na construção deste documento que seria a base de trabalho para a educação no Estado do Paraná foi um grande desafio. A Diretriz Curricular para o Ensino Fundamental da rede pública estadual prevê que:

Para as escolas da rede pública estadual que ofertam o ensino fundamental que pautarão como princípio em todas as suas ações a garantia de acesso, de permanência e de aprendizagem para todos os alunos em idade escolar e para aqueles que não tiveram acesso ao ensino fundamental em idade própria (PARANA, 2006).

O Estado do Paraná garante o acesso de 98% da população com idade para freqüentar o Ensino Fundamental. No entanto, é necessário um trabalho eficaz para garantir uma permanência satisfatória. Alguns dados revelam que 4,2 de crianças e adolescentes não se mantêm na escola e que 12,85% permanecem na escola durante todo o ano letivo, mas é reprovado.

De posse destes dados percebe-se que este acesso garantido aos estudantes não tem sido eficiente. É preciso sim manter os alunos na escola, mas com

qualidade. O ambiente escolar deve proporcionar aos educandos aquela vontade de aprender, e fazê-los entender que o conhecimento é uma produção humana que resulta do trabalho coletivo e construído historicamente.

É importante salientar que apesar dessas dificuldades que resultam em reprovação, desistência, exclusão, a sociedade reconhece a importante contribuição da escola na formação da cidadania como meio de transformação social. Ainda se acredita que o processo de escolarização fundamental contribuirá para o enfrentamento das desigualdades sociais, visando uma sociedade mais justa. Os alunos que responderam a pesquisa também concordam com esta afirmação, é possível que a ideologia do Estado tenha colaborado para a formação desta opinião.

A escola precisa trazer para as salas de aula demandas sociais para serem discutidas, fugindo do tradicional repasse e memorização de conteúdos, proporcionando assim o desenvolvimento crítico dos alunos.

As escolas elaborarão as suas propostas curriculares, tendo como referência para o ensino fundamental, objetivando o zelo pela aprendizagem dos alunos. O coletivo da escola elaborará as suas propostas curriculares, com vistas à valorização dos conhecimentos sistematizados e dos saberes escolares (PARANÁ, 2006).

Visando envolver toda a comunidade escolar, a gestão democrática tem como meta abrir espaço para que os sistemas de ensino promovam a democratização da escola pública, tendo como foco o compromisso com o conhecimento e com a aprendizagem de todos os alunos não de forma superficial, mas de forma articulada aos conteúdos disciplinares.

As discussões iniciaram, mobilizando mais de trinta e cinco mil professores, sendo que, grande parte não acreditava que suas contribuições fossem mesmo fazer parte do documento, dito oficial.

Esse processo visava trazer subsídios teóricos que permeassem a construção realmente coletiva do projeto político pedagógico dos estabelecimentos de ensino juntamente com a matriz curricular. Neste momento, ainda, os professores questionavam se era mesmo necessária a construção de diretrizes curriculares, se não seria viável apenas a listagem dos conteúdos essenciais por disciplina e que fossem comuns a toda a rede.

As instituições de ensino superior participaram deste processo oferecendo um suporte pedagógico de extrema importância, não fugindo do foco de cada realidade

exposta pelos professores nas discussões, procurando oferecer subsídios teóricos - metodológicos que pudessem melhor definir as diretrizes curriculares.

Um fato relevante foi o de repensar a autonomia da escola, na sua função, nas suas especificidades, na articulação entre as escolas, na organização administrativa. Assim este documento teve como finalidade direcionar a elaboração de um currículo que expressasse a concepção de cada uma das disciplinas, permitindo a escolha das escolas tendo certamente como foco principal o processo de ensino - aprendizagem. Como defende Setúbal et al (1988, p. 155):

Aprendizagens são organizadas no currículo escolar. E é preciso lembrar que este, certamente, nunca é estabelecido de forma neutra: desde a elaboração das diretrizes nacionais até a sua execução na escola, existem intenções. Estão sempre presentes a concepção que se tem de educação escolar e o tipo de formação que se pretende propiciar aos educandos. Do ponto de vista de uma pedagogia crítica se progressista, é importante que os educandos se apropriem de instrumentos de comunicação e de conteúdos culturais básicos que entendam a sociedade em que vivem e possam transformá-la. Isso é especialmente relevante num país pobre como o nosso, em que a escola proporciona uma experiência cultural única, da maior importância para grande parte da população.

Assim, as Diretrizes Curriculares são expostas à escola, evidenciando a responsabilidade na participação da elaboração de uma proposta curricular próxima daquilo que é fundamental no processo de escolarização dos alunos, considerando as necessidades da comunidade na qual escola esta inserida.

Para que acontecessem estas discussões e fosse possível sistematizar as produções, foram realizados dezesseis seminários estaduais, sendo dois por disciplina de tradição curricular, com a participação de 200 professores por disciplinas, representando as 32 regionais, totalizando 16000 professores; 544 reuniões técnicas regionais, envolvendo 8.484 professores; 798 encontros descentralizados, para aproximadamente 35.000 professores; 10 simpósios, com 5 mil cursos específicos do Ensino Fundamental para 360 professores, totalizando 3600 participantes.

Essa Formação Continuada buscou, a partir da prática do professor mais os subsídios teóricos, identificarem as demandas a serem contempladas nas Diretrizes Curriculares de cada disciplina, discutindo as especificidades desta etapa de escolarização básica na escola pública, tendo como referência central o compromisso da escola com o conhecimento, com a aprendizagem de todos os

alunos. Da organização de todo o material realizado, elaborou-se um documento preliminar, contendo um roteiro para análise dos textos.

Todo o material foi novamente enviado às escolas, acompanhado das sistematizações realizadas nos Grupos de Estudos (Formação Continuada que acontece por disciplina, aos sábados, quinzenalmente) e da participação nos simpósios, para que na semana pedagógica, início do ano letivo de 2005, fosse realizado um trabalho de análise, verificando-se a especificidade de cada escola neste e reenviado à equipe técnica – pedagógica do departamento de Ensino Fundamental para que procedesse a finalização deste documento, tendo como meta a garantia de uma educação de qualidade e que atendesse as reais necessidades da população paranaense.

Todo o processo de construção nas Diretrizes Curriculares no Estado do Paraná foi pautado em orientações legais decorrentes da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, tendo o artigo 32 como norteador do trabalho: duração mínima do Ensino Fundamental de nove anos, obrigatória e gratuita, inclusive para alunos fora da faixa etária adequada. Devendo garantir a formação básica do cidadão e desenvolvimento integral, mediante:

O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que fundamenta a sociedade; o desenvolvimento da capacidade da aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimento e habilidades e a formação de atitudes e valores; o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (BRANDÃO, 2006).

Com a LDBEN/1996, em 1998 são instituídos um conjunto de definições com objetivo de direcionar e padronizar a ação pedagógica de qualidade na diversidade nas escolas de todo o país, a partir das áreas do conhecimento: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História, Língua Estrangeira, Arte, educação Física e Ensino Religioso, nomeado Base Nacional Comum. As escolas terão também uma Parte Diversificada, para inserção de temáticas no currículo escolar de acordo com as necessidades da comunidade onde esta inserida, assegurando assim a formação básica.

Além desse amparo legal, e após discussões que definem as políticas educacionais para o Estado, com o intuito de atender as novas demandas sociais servindo de apoio para a implementação das diretrizes ocorre a promulgação da Lei Estadual nº 13.381/2001, que torna obrigatória a inserção dos conteúdos de História do Paraná; e da Lei Federal 10.639/2003, que torna obrigatória a inserção dos conteúdos de História e Cultura Afro - Brasileira nos currículos escolares, bem como a aprovação das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais. Todas as ações coletivas que envolveram os profissionais da educação do Estado do Paraná resultaram na elaboração das Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental.

3.2 A importância do currículo

O currículo vem esboçar o projeto político pedagógico, expressando a organização da proposta de objetivos, conteúdos, encaminhamentos e avaliação da ação pedagógica para a busca e alcance da meta de todos os envolvidos no processo educacional. Formar sujeitos de sua própria vida. Pessoas capazes de se realizarem integralmente, de provocarem mudanças necessárias para o bem estar de todos. O adolescente se sente capaz de mudar o mundo, por isso o currículo pode ser uma arma na mão da escola como instrumento nesta luta.

Currículo é um instrumento que deve levar em conta as diversas possibilidades de aprendizagem não só no que concerne à seleção de metas e conteúdos, mas também na maneira de planejar as atividades. Um currículo bem elaborado coletivamente é indispensável para garantir o avanço dos alunos (NOVA ESCOLA, 2008, p.10).

Sempre com base nas diretrizes curriculares, a secretaria da educação buscou a realização de um estudo mais aprofundado havendo assim a possibilidade de reorganizar o currículo, de forma que estivesse de acordo com as leis nacionais e com o sistema estadual de ensino, sendo as Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental o documento norteador desta proposta.

A organização no que se refere às disciplinas da Base Nacional Comum e Língua Estrangeira se deu a partir de dos chamados conteúdos estruturantes. Os conteúdos estruturantes são a base fundamental para a compreensão do objeto de

estudo, selecionados a partir de uma análise histórica da ciência de referência ou disciplina escolar. Retomando assim a dimensão histórica de cada disciplina, explicitando os fundamentos teóricos metodológicos, estratégias para o ensino, avaliação e referência bibliográfica, que nortearam as disciplinas de Arte, Ciências, Educação Física, Ensino Religioso, Geografia, História, Língua Portuguesa, Matemática e Língua Estrangeira. Esta forma de organização se deu devido à diversidade de matrizes existentes no Estado e a excessiva fragmentação da carga horária das disciplinas da Base Nacional Comum e a Parte Diversificada de forma que comprometia o processo de ensino aprendizagem

Ressalta-se que a escola sendo um espaço democrático deve inserir no currículo as questões sociais: como gravidez na adolescência, uso indevido de drogas, leis de trânsito, questões de saúde pública, epidemias, problemas ambientais, tecnologia, preconceitos e temas contemporâneos que surjam no decorrer do ano letivo. Neste sentido, cabe a escola definir quais temas está mais próximo da sua realidade, analisando-os se são problemas relevantes e de que forma podem ser articulados com as disciplinas da matriz curricular. De acordo com as respostas dos alunos foi possível perceber que vários professores estão fazendo abordagens significativas relacionadas aos temas contemporâneos.

Após uma infinidade de discussões e estudos, todos os estabelecimentos de ensino foram orientados que: a carga horária mínima são duas aulas e máxima quatro aulas semanais por disciplina e por série. Na 5ª e 6ª série é obrigatório o Ensino Religioso, sendo facultativo para o aluno, tendo a escola no ato da matrícula que solicitar a assinatura de termo de adesão, e a Língua Estrangeira Moderna é parte diversificada, ficando a comunidade escolar responsável pela escolha da mesma.

A proposta curricular traduz o trabalho coletivo dos profissionais compromissados com a educação pública do Paraná. Ela apresenta, neste momento, o projeto político-pedagógico possível e expressa a preocupação e o compromisso dos educadores com a melhoria do ensino no sentido de responder às necessidades sociais e históricas, que caracterizam a sociedade brasileira de hoje.

A necessidade de repensar os conteúdos básicos das disciplinas tem, no Paraná, uma ampla trajetória, assentada em constantes reflexões e discussões entre os educadores deste Estado, no que se refere aos aspectos teóricos metodológicos de cada área do conhecimento.

Estudos, cursos de atualização e assessoramentos subsidiaram e possibilitaram o aprofundamento das questões relativas à concepção, aos conteúdos, encaminhamento metodológico e avaliação de cada disciplina. Neste processo, cabe ressaltar a contribuição de coordenadores das equipes disciplinares do NRE – Núcleo Regional de Educação nas diferentes áreas do ensino e coordenação pedagógicas das escolas.

Uma certeza histórica nós temos: a escola só é indispensável para aqueles que dela já se apropriaram.

O desvirtuamento da escola de sua especificidade só pode ser entendido na medida em que se compreenda que numa sociedade capitalista, em especial, de capitalismo periférico, como a nossa, as contradições nela postas implicam na oferta quantitativa da escola, embora insuficiente e, ao mesmo tempo no seu esvaziamento de conteúdo.

Portanto, a utilização do tempo escolar, do espaço escolar, dos profissionais da educação e mesmo dos conteúdos de ensino, para tarefas que deveriam ser cumpridas por outras instituições sociais, que deixaram de ofertar equipamentos em quantidade e qualidade necessários ao atendimento da população, faz parte da mesma lógica, ou seja, de políticas economicistas de atendimento às necessidades sociais.

É mais adequado, para tal ótica, utilizar o prédio, o tempo, os profissionais e o conteúdo da escola para campanhas e atendimento imediato e superficial às populações mais pobres, do que atendê-las efetivamente, e, mais do que isso, redistribuir renda por meio de políticas salariais que permitam a vida digna.

O fato de as lutas sociais, no Brasil, por terra, salários dignos, habitação, assistência à saúde e educação, estarem demarcadas pelos limites de uma sociedade onde as relações sociais de produção obedecem à lógica capitalista, não as coloca, necessariamente, fora de um projeto social mais amplo, de superação mesmo, desta ordem.

Como a história se dará, cabe aos homens organizados decidirem, construí-la no seio das próprias relações sociais. A Educação é, sim, determinada pela sociedade, mas que essa determinação é relativa e na forma de ação recíproca — o que significa que o determinado também reage sobre o determinante.

Conseqüentemente, a Educação também interfere sobre a sociedade, podendo contribuir para sua própria transformação. A discussão em torno do resgate

da essencialidade da escola conta hoje com a contribuição fundamental dos educadores que perseguem a construção da pedagogia histórico-crítica, sendo que a contribuição do professor Demerval Saviani tem sido determinante nesta compreensão da tarefa escolar.

Para esta compreensão pedagógica cabe à escola dosar e seqüenciar o saber sistematizado, o conhecimento científico, tendo em vista o processo de sua transmissão-assimilação. A tarefa que se impõe é organizar o saber escolar, ou seja, tomar como elemento norteador das atividades da escola a socialização do conhecimento sistematizado.

O currículo deve ser entendido, a partir dessa leitura, como o conjunto das atividades nucleares da escola. A transmissão-assimilação do saber sistematizado é que deve nortear a definição dos métodos e processos de ensino-aprendizagem. É necessário viabilizar as condições de sua transmissão /assimilação. Isto implica dosá-lo e seqüenciá-lo de modo que a criança passe do seu não domínio para o seu domínio. A mediação da escola visa à passagem do saber difuso, parcial, desarticulado que a criança apresenta no início do processo de escolarização para o saber sistematizado, mais organicamente articulado ao final da escolarização do aluno, favorecendo, desta forma, a compreensão das relações sociais nas quais está inserido e instrumentalizando-o, ainda que parcialmente, para nela atuar.

O acesso à cultura erudita possibilita a apropriação de novas formas por meio das quais se podem expressar os próprios conteúdos do saber popular. Importa tornar a escola, nossa escola concreta, como local de apropriação do conhecimento científico, por parte de todos que dela participam. Urge, portanto, a definição de meios que favoreçam o estudo, o debate pedagógico, a tomada de decisões mais coletivas sobre a condução do ensino pela escola, bem como, a revisão de sua organização interna, sua relação com as diferentes instâncias da sociedade civil e com a comunidade sua usuária.

Se almejarmos que o aluno, ao final do Ensino Fundamental, possua os instrumentos necessários (conhecimentos) para compreender, elaborar e expressar uma visão de mundo mais articulada, menos mágica e folclórica do que aquela que detém no início deste processo, não será com o domínio de um conhecimento que dê conta de explicar a parte, sem articulá-la com o todo, que iremos dar qualidade ao ensino.

CAPITULO 4 - RESULTADO DO ESTUDO

4.1 Palotina: cidade de realização da pesquisa de campo

4.1.1 Aspectos Gerais

Palotina é um município localizado no oeste do Estado do Paraná. Com uma população aproximada em 2007 de 35.614 habitantes. Ocupa uma área de 651 km². A origem do nome Palotina é uma homenagem aos padres palotinos, que marcaram presença no município, desde a derrubada das primeiras árvores. Foram testemunhas do desbravamento, dos conflitos e do desenvolvimento do município e agentes vivos na implementação da religiosidade que caracteriza o seu povo. Padre Pedro conta detalhadamente como aconteceu a colonização da cidade de Palotina:

Era o final do inverno de 1953. O dia exato, 3 de setembro. Neste dia, as colonizadoras Pinho e Terra Ltda e a Madeireira Rio Paraná trazem para a região da futura cidade de Palotina, seus primeiros moradores. Dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul vieram Domingos Francisco Zardo, João Bortolozzo, Luis de Carli, Benardino Barbieri, João Egidio Clivatti, Eugenio Leczinski, Eurico Nenevê, Amado Vilaverde e Francisco Studzinski. Nove homens e um destino: derrubar a mata, plantar café, abrir ruas, construir casas, fazer uma cidade. Como esperança e fé andam sempre juntas, no dia 6 de janeiro de 1954 foi rezada a primeira missa em um altar montado no que hoje é a Granja Possan, por padres Palotinos. Daí o nome da cidade (REGINATO, 1979, p. 6).

Em 1940, através da Marcha para o Oeste, chegam os primeiros migrantes em Palotina, então Município de Guaíra, somando uma população de 10 habitantes.

Em 1950, acontecem novos deslocamentos da população do sul do país, resultando, desta forma, em 24 de junho de 1957, a criação do Distrito de Palotina, com uma população de 100 habitantes (Censo IBGE).

Em 1960, exatamente no dia 25 de julho, ocorreu a emancipação política administrativa de Palotina. Com a emancipação, criaram-se os Distritos Administrativos e Judiciários de Maripá, Pérola Independente, Alto Santa Fé e São Camilo, com população de 3.469 habitantes (Censo IBGE).

Em 1970, o município perde a área de Alto Santa Fé para o município de Nova Santa Rosa e é criado o Distrito Administrativo da Vila Candeia, atingindo uma população de 43.005 habitantes (Censo IBGE).

Em 1980, ocorre a elevação da Vila Santo Antônio como Distrito Administrativo, com população de 28.248 habitantes (Censo IBGE).

Na década de 1990, com a elevação do Distrito de Maripá a município, englobando os Distritos de Pérola Independente e Candeia, acarreta uma perda de 30% do território do município de Palotina, totalizando nesta época 30.569 habitantes (Censo IBGE). Em 2000, este número baixa para 25.765 (Censo IBGE).

Sua economia é baseada na agricultura, agroindústria e prestação de serviços. A cidade conta com C. vale , indústria agrícola, cooperativa que tem destacado pela sua geração de empregos.

A cidade conta com locais de lazer como: Lago Municipal, capela de N.Senhora da Sallete, Praças e destaque para a praça Amadeo Piovezan.

4.1.2 Aspectos educacionais da cidade de Palotina

O sistema educacional mantido pelo poder público em Palotina, teve início em 1956, com a criação da Escola Municipal Rural Wenceslau de Moraes, em São Camilo (atual Escola Municipal Jean Piaget).

Na mesma época já funcionava na zona urbana de Palotina a escola particular *Mater Ter Admirabilis*, criada pela Colonizadora Pinho e Terra, que, posteriormente, foi estadualizada com o nome de Escola Estadual Joaquim Monteiro Martins Franco, hoje, está municipalizada com o mesmo nome.

Em 1960 surge a primeira escola estadual em Palotina, o atual Colégio Estadual Santo Agostinho, e em 1962 a primeira escola municipal urbana, o atual Colégio Estadual Barão do Rio Branco.

No levantamento de dados sobre os primeiros estabelecimentos educacionais de Palotina, percebeu-se que os nomes predominantes eram de santos, políticos e escritores de renome.

Atualmente, têm-se privilegiado nomes de pioneiros ou personalidades que se destacaram no município, como Padre Vitorino Roggia, Celino Rocha de Araújo, Professora Terezinha Giron Agustini, Professora Shirley Saurin e Domingos Francisco Zardo.

São cinco escolas de Ensino Fundamental – séries finais- 5ª a 8ª série, sendo dois particulares e três públicas; e sete colégios, um destes de ensino técnico agrícola e um com formação profissional, os outros demais oferecem apenas ensino médio regular, porém com exceção do agrícola todos oferecem as séries finais do ensino fundamental também; tem ainda o CEEBJA - Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos.

Além disso, também é cidade universitária a única no oeste do Paraná que possui uma extensão da Universidade Federal do Paraná, sendo que esta possui como curso principal Medicina Veterinária, ampliando em 2009 mais três cursos, atendendo assim a demanda de profissionais dessa área que o próprio município e região exigem.

Em seu Plano Municipal de Educação, vários educadores Palotina realizaram uma cuidadosa pesquisa para diagnóstico e constataram que em 2004 os estabelecimentos de ensino tinham uma estrutura física entre regular e boa, têm um ambiente favorável 40% das salas de aula possuem ar condicionado, laboratórios de informática, biblioteca bem equipada, televisão em todas as salas de aula, ginásio de esportes. A formação dos docentes atende às exigências da Lei de Diretrizes e Bases. Todos os quesitos como evasão e repetência, propostas curriculares, sistema de avaliação, recursos financeiros e aplicação dos mesmos foram considerados satisfatórios. No ano de 2008, Palotina foi considerado o município com a menor taxa de evasão escolar do país.

A proposta do município é assegurar, em todos os aspectos pertinentes a uma educação de qualidade, o direito e a permanência com sucesso de toda população jovem até a conclusão da educação básica. E, ainda, articular com instituições de ensino superior a viabilização de implantação de cursos em níveis de graduação e pós-graduação. Viabilizar, implantar e incrementar todo programa educacional que venha beneficiar a população palotinese.

No município de Palotina não há falta de vagas, aliás, nem super lotação nas salas, em média, as turmas que responderam ao questionário tinham vinte e cinco. A oferta e a demanda de escolas é satisfatória, faltando apenas instituições de educação infantil na rede pública.

Em Palotina, especialmente a partir de 2000, têm sido implantados vários programas e projetos, com propostas sócio educativas oferecendo às crianças e aos

adolescentes atividades de arte e cultura, cuidados com a saúde, prática de esportes, lazer e reforço escolar.

No entanto esses programas e projetos não acontecem de forma articulada às propostas curriculares das escolas, não há acompanhamento efetivo no desempenho do aluno que reflita significativamente no processo de ensino – aprendizagem. O intuito de pesquisar e analisar As expectativas de ensino-aprendizagem dos adolescentes da 8ª série do município de Palotina PR mostra que há esta preocupação por parte de educadores.

4.2 Contextualizando as escolas pesquisadas

Para escolha das escolas que participariam da pesquisa usamos como critério a localização geográfica, duas escolas situadas nos extremos da cidade, duas no centro. Buscando assim a diversidade sócio – econômico - cultural dos alunos.

Definimos as escolas como: A, B, C, D. A escola A é uma escola estadual, oferta 5ª à 8ª série, está localizada num bairro, contém em média duzentos alunos, a faixa etária mantém-se de acordo com a idade/série. Há um funilamento na oitava série porque a escola não oferece o ensino médio e muitos alunos se transferem no início da oitava série para não sentir segundo seus pais “o baque da passagem para outro colégio e ensino médio ao mesmo tempo”. Quanto à evasão e repetência não têm maiores problemas apesar de exigir um efetivo trabalho junto à família.

A comunidade é bastante carente com sérios comprometimentos sociais. As famílias comparecem à escola quando chamados, porém não acompanham a vida escolar dos filhos, não colaboram no sentido de se comprometer com as regras combinadas, ouvindo os filhos em casa, os pais comparecem à escola questionar as atitudes tomadas pela escola, na maioria das vezes em defesa dos filhos.

As turmas são pequenas, entre dezenove e vinte e cinco alunos, mas o trabalho para se conseguir clima de estudo e envolvimento dos mesmos, nas aulas, é uma tarefa árdua, segundo os professores. São assíduos, mas deixam de realizar tarefas, trabalhos de pesquisa e mesmo exercícios de sala. Os professores se queixam de alguns alunos indisciplinados e da falta de interesse pelo estudo, “ parece que eles não têm perspectiva de um futuro melhor, são acomodados mesmo”, comentaram alguns professores. A escola apesar de todos esses contra tempos tenta manter um ambiente agradável, busca através de promoções oferecer

aos alunos e professores toda condição para realização das atividades. Materiais didático, material de expediente, atividades e avaliações digitadas, enfim há um esforço coletivo para a superação das dificuldades.

A escola B também esta situada em um bairro, oferece Ensino Médio, dependência administrativa estadual. Não difere muito no número de alunos por turma, são 278 alunos distribuídos em 14 turmas, das quais 8 são do ensino fundamental e 6 do Ensino Médio. As dependências da escola são compartilhadas com a escola municipal o que tem dificultado o investimento em reformas e benfeitorias, por isso está, na opinião dos alunos, feia. Não possui ar condicionado, mas quanto à estrutura pedagógica não difere das demais.

O perfil da comunidade se assemelha a comunidade da escola A, famílias trabalhadoras como mão-de-obra. Fatos de violência entre alunos, gravidez na adolescência, evasão e repetência tem um índice pequeno, mas requer atenção. A maior causa de abandono da escola é trabalho, há também uma discrepância idade/série bem acentuada. Alunos envolvidos em infrações como furto e envolvimento com drogas ilícitas. Não há projetos especiais. As queixas dos professores se assemelham.

A escola C é estadual, está localizada no centro da cidade, além do Ensino Médio, oferece curso de formação de docentes e técnicos profissionalizantes: administração e informática integrada e subsequente. A escola tem hoje matriculado mais de mil alunos. Os alunos são oriundos do centro, dos bairros vizinhos e da área rural e trazem mais expectativas de trabalho e continuidade dos estudos. Tem uma boa estrutura física, planejada com suficiente espaço para atender a demanda dos cursos que oferece.

Os conflitos internos de sala de aula e no interior da escola não diferem das outras escolas. A queixa dos professores, não sofre alterações, apesar dos alunos terem, teoricamente melhor condição e disponibilidade para a aprendizagem, há casos de exclusão de alunos por transferência compulsória e infração. Porém, não se registra grande número de evasão, de repetência um pouco mais.

É a única escola do município que oferece ensino fundamental noturno, projeto incentivado pelo governo para atender a demanda trabalhadora, mas que não teve bons resultados, devido à evasão. Esta escola carrega em seu bojo a história e o desenvolvimento do município por ser o primeiro estabelecimento de ensino.

A escola D é uma escola particular, pode-se dizer ainda em processo de estruturação, porque começou suas atividades em 2003. Oferece o ensino fundamental – séries finais e Ensino Médio. Está localizado no centro da cidade e veio concorrer com o colégio tradicional do município. Busca oferecer uma proposta diferenciada com projetos no turno contrário, mas o aproveitamento por parte dos alunos poderia ser maior segundo a coordenação. Os alunos são de classe econômica médio-alta. Como a maioria dos colégios particulares tem como finalidade maior preparar para o vestibular. São turmas pequenas, com no máximo vinte e cinco alunos.

4.3 Passo a passo da pesquisa de campo

Inicialmente foi feita uma visita às escolas e explicado o objetivo da pesquisa. Os responsáveis pelos estabelecimentos de ensino, a direção e a equipe pedagógica analisaram a proposta e assinaram a documentação necessária, ficando acordado que no momento oportuno a pesquisa poderia ser realizada.

A pesquisa aconteceu na sala de aula, os professores das turmas cederam gentilmente suas aulas. Somente os alunos regularmente matriculados na 8ª série do Ensino Fundamental participaram da mesma. A coleta de dados foi feita por meio de questionário com enunciado temático com questões de múltipla escolha abordando a escola como espaço de convivência; a escola como instituição; aprendizagem; currículo/didática.

Os alunos receberam com entusiasmo a pesquisa, demonstraram interesse nos resultados. Dois alunos dos cento e cinquenta participantes não quiseram responder ao questionário e disseram não “estar a fim de ler”.

O trabalho foi realizado individualmente. Em média os alunos gastaram quarenta minutos para respondê-lo. No decorrer da aula houve algumas discussões, sempre no sentido de reclamar das atitudes de alguns professores e metodologias utilizadas pelos mesmos. Diante destas colocações foi possível perceber que a relação que o professor tem com o aluno é de suma importância para aprendizagem, para o aluno é essencial o bom relacionamento com o professor para que haja aprendizagem.

Pode-se supor que, no processo de internalização, estão envolvidos não só os aspectos cognitivos, mas também os afetivos. Assim, abre-se um espaço para

investigações científicas abordando a influência dos aspectos afetivos no processo de aprendizagem. A relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcorrem a partir de vínculos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar.

O aluno considera muito o professor que se envolve em suas questões particulares, que ouve suas queixas e, principalmente, que o valoriza compreendendo seu sofrimento ou angústia. É comum ouvir “Ah! Ela é chata, mas é legal”. Parece contraditório, mas o que o aluno quer expressar é exatamente o vínculo que se estabeleceu com o professor e a importância desta relação no processo ensino-aprendizagem, para o adolescente, às vezes ser chato é ser exigente.

Foi muito satisfatório este contato com os alunos, apesar de se tratar de uma pesquisa houve descontração e comprometido. Conseguimos transmitir a eles a importância e o objetivo de conhecer a opinião deles. Até despertar o interesse para pensar sobre o cotidiano escolar, percebendo que eles são sujeitos, ativos, devem ser participativos para que haja mudanças desejáveis, não participarem de forma alienada, mas conscientes, com argumentação consistente, comprometidos com o estudo na busca do conhecimento não apenas como informação.

4.4 Analisando os resultados

O questionário aplicado aos adolescentes continha vinte e sete questões, que foram analisadas uma a uma, contendo cada questão um quadro de respostas e gráfico. Os comentários dos alunos durante a aplicação foram também considerados na análise dos dados.

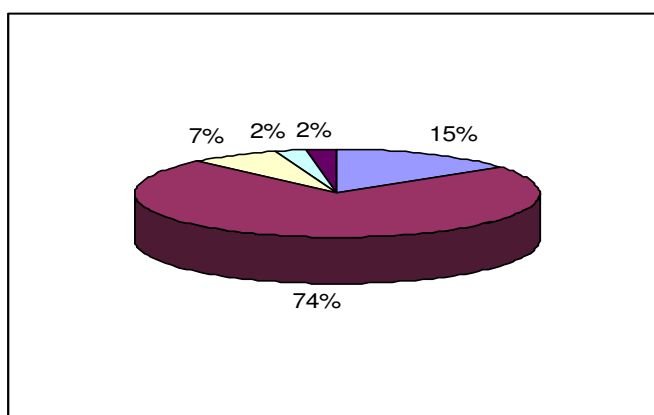
É importante ressaltar que não houve diferenças significativas nas respostas dos alunos das escolas pública e particular. Os dados foram analisados conjuntamente, pois a intenção da pesquisa não era diferenciar a opinião do aluno adolescente sobre o processo ensino – aprendizagem da escola pública e particular, mas sim do aluno adolescente matriculado na 8ª série nas escolas do município de Palotina.

As questões foram agrupadas em quatro eixos: a escola como espaço de convivência; a escola como instituição; aprendizagem; currículo - didática.

As questões 1 a 7 tratam da escola como espaço de convivência, tiveram como objetivo identificar o que o adolescente sente em relação à escola, como é o

relacionamento entre educando e educador, educandos entre si e se essas relações influenciam ou não o processo ensino – aprendizagem.

Questão 01: O sentimento que eu tenho em relação à escola é bom.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
15%	74%	7%	2%	2%

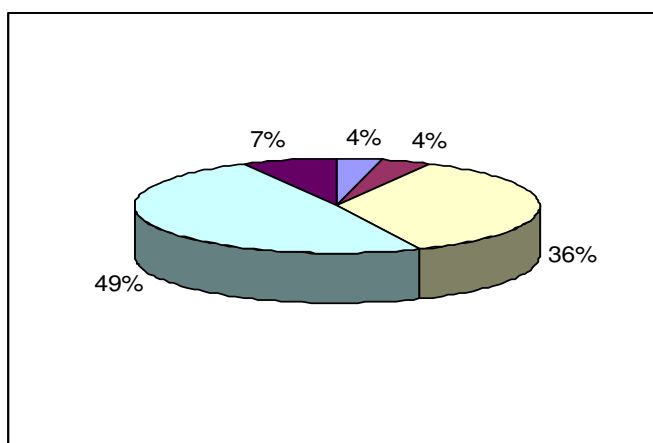


Pelo resultado apresentado observamos que 74% dos alunos concordam que o sentimento que têm em relação à escola é bom. Confirmando o que diz Freire que a escola é lugar de fazer amigos, é lugar de gente que se alegra, se conhece, se estima e completa ainda:

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se amarrar nela! Ora, é lógico... Numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz (FREIRE, 2001b).

Os adolescentes gostam da escola, principalmente se tiverem oportunidades de atividades diferenciadas, ficariam o dia todo com prazer. É possível observar que muitas vezes os alunos criam situações de atividade de pesquisa apenas para ficarem na escola no período contrário. Os interesses podem ser diversos, alguns para não ficarem sozinhos em casa, outros para encontrar os paqueras, conversar com os amigos. A merenda escolar também é fator contribuinte para o prazer de estar na escola. Muitos garantem uma refeição no dia.

Questão 02: Não gosto da escola. Só estou freqüentando a sala de aula porque sou obrigado.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
4%	4%	36%	49%	7%



Na verdade a questão Não gosto da escola, só estou freqüentando a sala de aula porque sou obrigado, teve o intuito de confirmar a questão anterior além de perceber se os alunos haviam entendido ou não a dinâmica da pesquisa. Pelos resultados acreditamos que eles entenderam a dinâmica. Constatamos que 49% dos alunos discordam totalmente, mais 36% que discordam, temos um índice de 85% dos alunos discordando que estar na sala de aula é chato, só vem para a escola porque são obrigados. Existe sim um número de alunos que concordam virem para a escola porque são obrigados, não gostam de estudar, preferiam trabalhar, acham a escola chata, apesar de ser uma pequena porcentagem 7% é importante analisar o porquê. Não há outro espaço organizado onde os adolescentes possam se encontrar com a aprovação total dos pais. Talvez, para contrariar, para dizer que não gosta de estudar. Gostam de estar na escola, mas não na sala de aula.

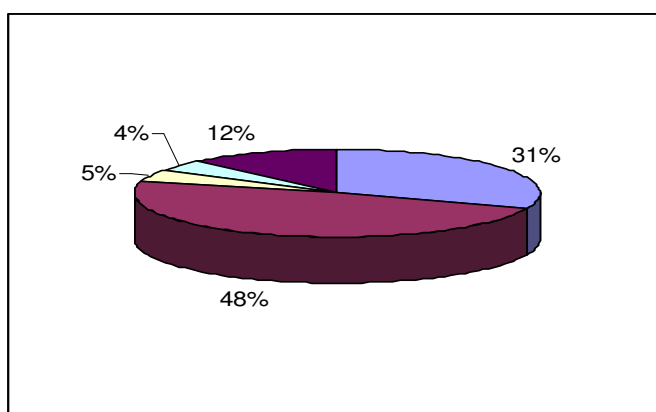
È interessante relatar que no dia a dia percebemos que os alunos encaminhados á coordenação pedagógica por indisciplina, segundo o professor, não quer de forma alguma ficar fora da sala de aula, sentem-se excluídos e sempre criticam a ação pedagógica do professor diante daquela situação.

Recai, como afirma Moram (2001), sobre o professor a responsabilidade de manter o aluno na sala de aula, porque cada dia tem uma descoberta, uma novidade, porque o professor se faz ser admirado pelo aluno por sua competência,

atitude e ação pedagógica. Esta admiração pelo professor pode ser observada no cotidiano da escola, quando alunos faltosos vêm somente nos dias de determinadas aulas e com determinados professores.

Outro elemento a ser considerado são as inteligências múltiplas. Todo professor quer que cada aluno seja 100% na sua disciplina, difícil, talvez não impossível. O desestímulo ocorre pelas notas baixas, tratamento de cobrança ou mesmo de crítica negativa. Alunos relatam que professores os chamam de burros, preguiçosos, lerdos. Além de convivermos com uma prática avaliativa sobre os erros, ou seja, a partir dos erros cometidos o aluno perde nota e para recuperar esta nota deve refazer a prova como trabalho, repetição mecânica para garantir nota. O conhecimento fica numa segunda instância. Demo (1997) discute a avaliação do ponto de vista administrativo: “são emanadas verticalmente de órgãos administrativos, explicitadas no PPP, fórmulas engessadas onde professor não exercita sua ação de maneira reflexiva e criativa levando à exclusão do aluno que sofre repetências”.

Questão 03: Em sala de aula é prioridade o diálogo e o respeito mútuo.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
31%	48 %	5%	4%	12%



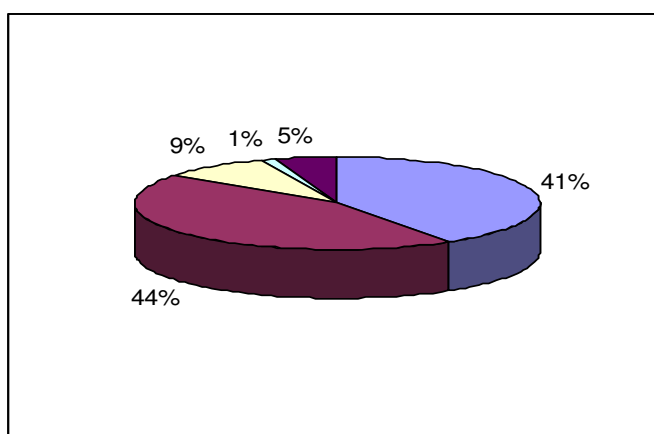
Priorizar o diálogo e o respeito mútuo é princípio básico das relações sociais. 31% dos alunos concordaram totalmente com a questão afirmativa e mais 48% apenas concordaram. Por outro lado, 5% discordam e 4% discordam totalmente que existe esta relação no interior da sala de aula, além dos 12% de alunos que preferiram não se manifestar. Porcentagem pequena, se comparado aos números

anunciados diariamente pelos noticiários televisivos. Temos visto cenas chocantes de violências física e verbal e mesmo a depredação no interior das escolas. A sociedade está sempre questionando, o que está acontecendo com os nossos adolescentes? Por que agem de forma violenta? A família é a principal responsável, segundo os educadores, psicólogos afirmam ser falta de limites, a igreja atribui à falta de Deus, na realidade estamos todos preocupados e apreensivos com esta violência, que sempre parece estar distante das nossas rotinas.

O adulto acredita sempre que está com a razão e o jovem precisa se autoafirmar. A sala de aula é um ambiente propício para o diálogo, principalmente se professor e aluno tiverem objetivos comuns, a divergência pode estar, na relação de poder, por isso o cuidado em perceber o adolescente como indivíduo em busca da identidade e por isso insiste em defender suas idéias, na opinião dele não está afrontando o professor, ou faltando-lhe com o respeito, está apenas sendo autêntico e defendendo suas idéias ou ainda por não ver aquela sua atitude como desrespeitosa. O vocabulário também, as vezes inadequado, faz com pareça falta de respeito, mas é preciso considerar as vivências externas, hábitos familiares, contexto social. O que para uns é falta de respeito, para outros é normal.

Freire (2001) afirma que o professor deve ser o mediador desse conflito, é preciso auxiliar o adolescente na compreensão desta fase pela qual esta vivenciando.

Questão 04: Consigo aprender com os professores com os quais me relaciono bem.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
41%	44%	9%	1%	5%

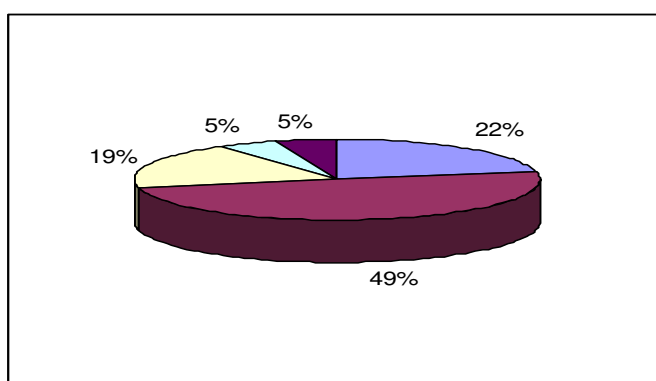


Constatamos que somando as porcentagens das alternativas concordo e concordo totalmente equivale dizer que a maioria dos alunos (88) % afirma que processo ensino-aprendizagem depende diretamente da boa relação professor – aluno, segundo os alunos participantes da pesquisa.

Libâneo (1993, p. 249) coloca que a interação professor aluno é realmente um aspecto fundamental no processo ensino-aprendizagem, entretanto esse não é o único fator determinante, é possível ressaltar o aspecto cognoscitivo e o aspecto sócio-emocional. Todas as pessoas que passaram por um ambiente escolar se reportam ao passado e lembram de determinados professores, aqueles que de alguma forma influenciaram até escolha da profissão, por exemplo.

Este resultado pode ser preocupante se analisarmos que apenas 10% dos alunos aprendem independente da relação afetiva que têm com o professor. Dados atuais da qualidade da educação no Brasil mostram que o país encontra-se nos últimos colocados de acordo com avaliações internacionais. É um dado primário para fazermos afirmações. Pode ser, de acordo com esses dados dizer que a relação professor – aluno seja o foco do problema da educação no país? Claro que aliado a outros fatores, certamente.

Questão 05: Convivo diariamente com alunos indisciplinados que não tem motivação para estudar.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
22%	49%	19%	5%	5%



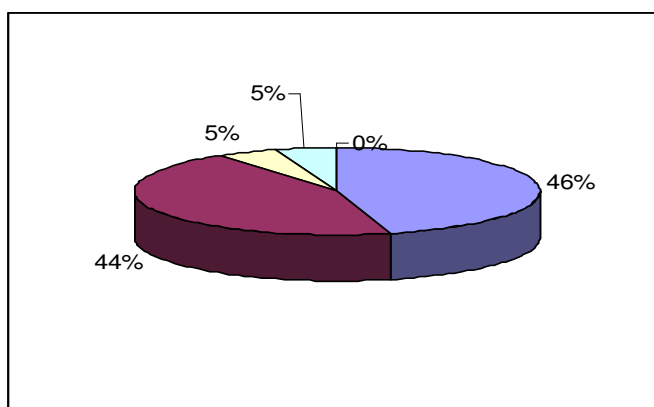
Os dados nos mostram que a questão da indisciplina não incomoda apenas professores, mas alunos. 71% deles (soma dos percentuais concordo e concordo totalmente) demonstraram que a maioria dos alunos que freqüentam a

escola não tem motivação para estudar. Respostas contraditórias se comparadas ao número de alunos que vão à escola porque são obrigados. Gostam sim do ambiente escolar, das amizades, dos bate papos, mas o ambiente estudo não tem agradado a maioria dos alunos, segundo suas respostas.

De acordo com Laurizete Passos a própria dinâmica de filas, tempo limitado para cada atividade, rotina de horários, conteúdos estagnados, das provas homogêneas, que podem emergir formas de relação que ultrapassem o controle e o poder instituído, para configurar uma dinâmica de troca, de ação e interação, de luta contra a submissão, que se expressa nas rotinas e relações sociais que caracterizam o cotidiano escolar. Os próprios alunos vão impondo a necessidade de mudança. (PASSOS, 1996, p.123) Questionam a todo o momento “por que não pode usar boné, não pode entrar sem uniforme, não pode comer na sala de aula, não pode usar celular”.

Na verdade os modelos disciplinares imposto pelas instituições escolares atualmente são os mesmos do século passado. É a escola da passividade: a voz é do professor, e o aluno é dela destituído, apostá-se mais no trabalho individual, e a vida em grupo, tão decisiva na formação do adolescente, fica do lado de fora da escola. (PASSOS, 1996, p.123). Este contexto causa certa resistência já que neste momento o aluno adolescente almeja liberdade e reivindicação daquilo que acredita ser de direito.

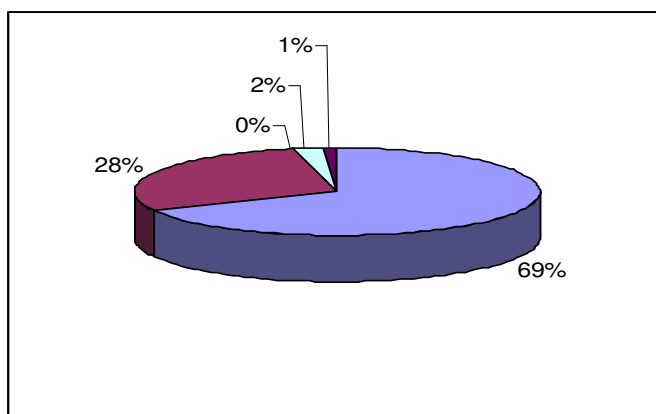
Questão 06: A escola é a salvação para muitos adolescentes.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
46%	44%	5%	5%	0%



É possível perceber que a escola na opinião dos adolescentes tem grande influência na vida deles, 90% (somatória dos alunos que concordam e aqueles que concordam totalmente) acreditam que a escola é a salvação para muitos adolescentes. Mesmo diante de tantos conflitos ocorridos neste ambiente tem um papel social fundamental.

Se a escola trabalhar os conteúdos de forma contextualizada, além de trabalhar temas contemporâneos, saúde preventiva possivelmente poderá salvar sim um número maior de adolescentes. Devemos ter o cuidado para que a escola trabalhe de forma articulada para que não haja um esvaziamento dos conteúdos científicos e, conseqüentemente, o aluno adolescente possa ser um agente transformador da sua realidade a partir da aquisição do conhecimento.

Questão 07: Estudar é bom, é a porta de entrada para uma vida melhor.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
69%	28%	0%	2%	1%

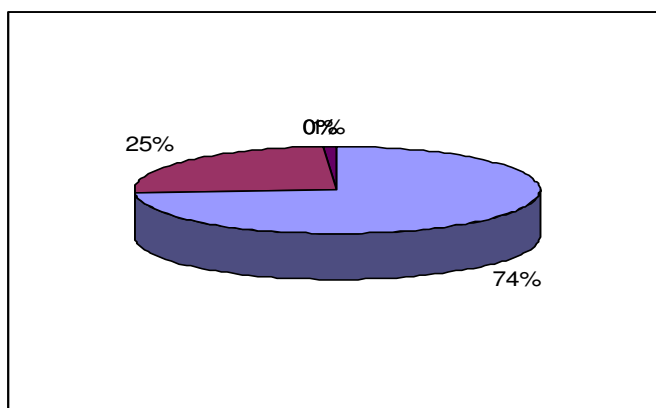


Quase unanimidade, 97% (somatória dos alunos que concordam e aqueles que concordam totalmente) dos alunos participantes da pesquisa acredita que é possível garantir um futuro melhor por meio da educação escolar. Por meio de comentários paralelos durante esta questão, dois ou três alunos comentaram entre eles “tem muita gente que estuda que não consegue emprego e tem gente que não estuda que se dá bem, fica rico, olha só quanto jogador de futebol semi – analfabeto!”

Uma pesquisa realizada com alunos adolescentes de uma escola na cidade de São Paulo e publicada na revista Nova Escola intitulada: “Como o aluno adolescente vê a escola confirma esses dados, 76% dos entrevistados, citaram que “estudar é bom, é um jeito de sonhar com uma vida melhor, se preparar para arrumar um trabalho”.

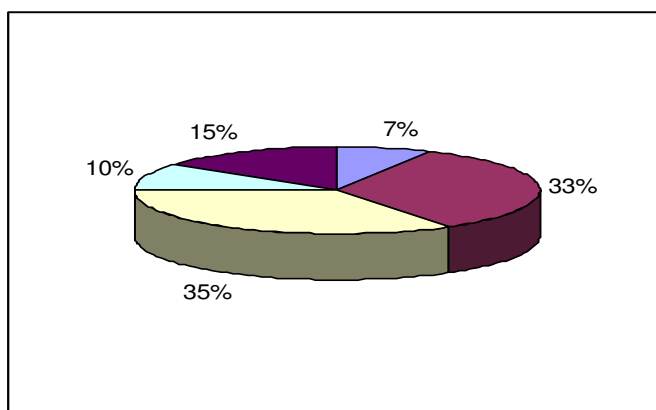
As questões 8 a 14 questionam os adolescentes sobre a função da escola, têm o intuito de saber na opinião deles se a instituição escolar esta efetivamente a sua função social.

Questão 08: Acredito que através dos conhecimentos adquiridos na escola eu possa no futuro ter um bom emprego.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
74%	25%	0%	0%	1%



A maioria dos alunos vê a escola como meio de ascensão social, 99% deles concordam com a afirmação que é por e meio dos conhecimentos adquiridos na escola, a garantia futura de um emprego que no mínimo satisfaça as necessidades básicas de sobrevivência. Confirma-se de acordo com os dados da questão anterior.

Questão 09: A escola promove atividades extras curriculares que visam à integração social.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
7%	33%	35%	10%	15%



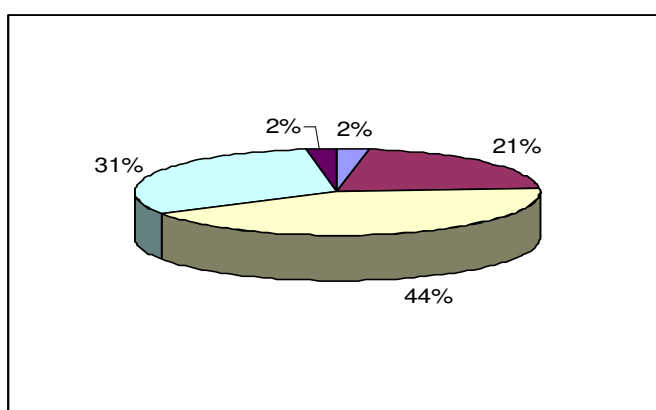
Estes dados devem ser cuidadosamente analisados por se tratar da experiência de democracia, de cidadania. As relações sociais se desenvolvem em grupos sociais e não apenas em textos teóricos. Diante dos resultados da pesquisa percebemos que as escolas têm investido pouco no planejamento de atividades que visem à integração social. 35% dos adolescentes discordam e 10% discordam totalmente que a escola promove essas atividades. As atividades extracurriculares que visam à integração escola - comunidade escolar podem estar articuladas ao processo sócio educativo. 33% dos alunos concordam que a escola proporciona atividades extracurriculares e apenas 7% concordam totalmente. Estreitar a relação escola e a comunidade escolar pode ser uma forma de sanar algumas dificuldades encontradas na educação de forma geral. Freire comenta da importância desse envolvimento dizendo que:

Tudo o que a gente puder fazer no sentido de convocar os que vivem em torno da escola, e dentro da escola, no sentido de participarem, de tomarem um pouco o destino da escola na mão, também. Tudo o que a gente puder nesse sentido é pouco ainda, considerando o trabalho intenso que se põe diante de nós que é o de assumir esse país democraticamente na mão (FREIRE, 1999).

Na LDB 9394/1996, o artigo 14 define que os sistemas de ensino devem seguir normas de forma que haja o incentivo dos profissionais da educação na

elaboração do Projeto – Político – Pedagógico da escola, bem como a participação da comunidade escolar, incluindo os conselhos escolares, APMFs, dentro de suas especificidades.

Questão 10: O professor faz de conta que ensina e nós fazemos de conta que aprendemos.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
2%	21%	44%	31%	2%

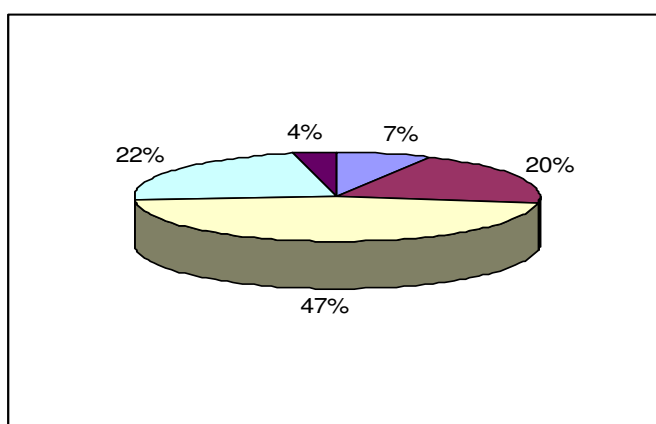


A inclinação para esta afirmação foi relutada por 75% (somatória de discordo e discordo totalmente) dos alunos que responderam ao questionário. Porém, não se pode desconsiderar que 21% concordam e 2% concordam totalmente com a afirmação, número expressivo, se pensarmos que aproximadamente 23% dos alunos que estão na escola não estão tendo sucesso no processo ensino-aprendizagem. Dados estatísticos do Estado do Paraná mostram que aproximadamente 13% dos alunos matriculados nas séries finais do ensino fundamental não são aprovados no final do ano letivo.

Esses resultados tem sido uma preocupação para a SEED – Secretaria de Estado da Educação e por este motivo tem investido consideravelmente na capacitação de pedagogos com o intuito de que estes possam acompanhar o trabalho docente. Aumento das demandas das salas de apoio, projeto cujo objetivo é o atendimento especializado aos alunos com defasagem na aprendizagem. Todas as escolas do Estado receberam nos últimos anos um laboratório de informática

além de uma tv pendrive ¹para cada sala de aula, para que professores possam inovar suas práticas metodológicas, práticas estas muito além do esperado, pois o professor ainda tem muita resistência e insegurança ao uso destas tecnologias.

Questão 11: Os conteúdos ensinados na escola não têm nada a ver com o meu dia a dia.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
7%	20%	47%	2%	4%

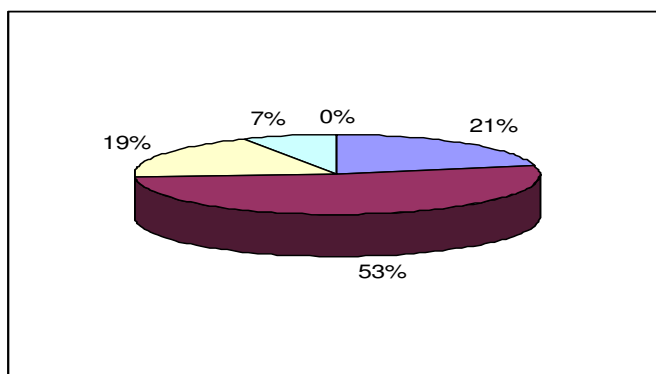


Somente 2% dos alunos discordam totalmente da afirmação de que os conteúdos trabalhados em sala não têm nada a ver com o seu dia-a-dia, 47% apenas concorda, no entanto 27% dos alunos afirmam que esta é uma prática. Quando o professor trabalha os conteúdos de forma contextualizada instigando os alunos a encontrarem soluções para determinadas situações - problema certamente a aprendizagem aconteça de forma efetiva. Ausubel (1963) afirma que a aprendizagem significativa esta diretamente ligada á estrutura cognitiva do aluno. Atualmente, é possível perceber que a escola vem repensando seu currículo, discutindo as metodologias, o objeto de estudo de cada disciplina de forma interdisciplinar, há o incentivo para iniciação científica, discute-se a educação escolar em todos os seus contextos.

¹ É um recurso tecnológico disponibilizado pelo governo do Estado do PR , presente em todas as salas de aula. Trata-se de um televisor de 29 polegadas, com entrada para VHS (vídeo cassete), cartão de memória máquina fotográfica, aparelho de DVD e USB.

Questão 12: Os alunos têm a oportunidade de propor e realizar atividades na escola.

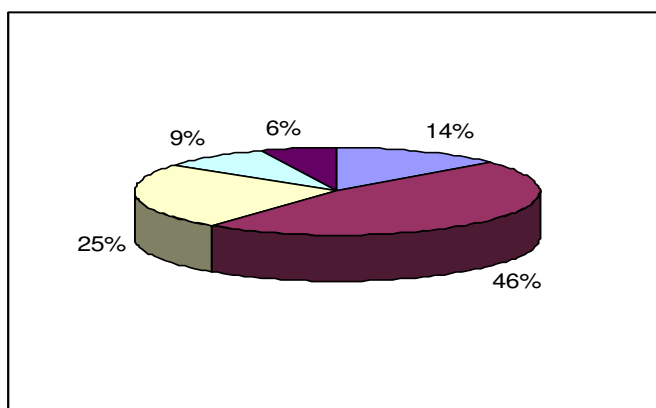
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
21%	53%	19%	7%	0%



É expressivo o número de alunos que entendem terem oportunidade de participar do planejamento da escola. Isto significa que a gestão democrática vem sendo trabalhada mesmo lentamente. Libâneo (1993) defende a importância do planejamento em conjunto com o aluno. Segundo ele, viabiliza iniciar por algo que o aluno já sabe o que vai contribuir para a avaliação positiva de crescimento por parte de cada um dos envolvidos.

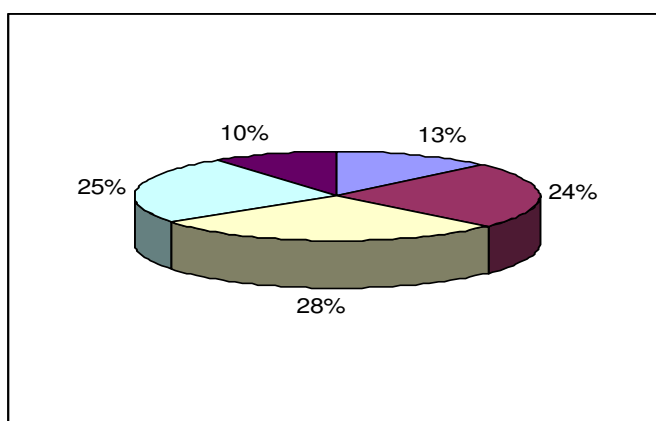
Questão 13: A escola trabalha temas atuais como: dengue, AIDS, eleições, corrupção.

Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
14%	46%	25%	9%	6%



Somente 14% dos alunos concordam totalmente com a afirmação, 46% concorda e 34% discordam que a escola tem trabalhado com temas contemporâneos. A escola reconhecida como espaço democrático, de função social extremamente importante precisa inserir esses temas em seu currículo. Na verdade observa-se que os temas atuais são abordados de forma mais específica quando os temas são também propostos por meios externos à escola, campanhas, propagandas, etc. Sexualidade é conteúdo, porém não se dá ênfase à questão da AIDS, DSTs e mesmo a gravidez na adolescência. Política é tema de período eleitoral, poucos professores trabalham esse tema, a maioria deles teme estar de forma indireta incentivando o voto para determinado candidato ou partido. A dificuldade na formação dos Grêmios Estudantis se dá exatamente por termos nas escolas educadores pouco politizados, com isso estamos deixando de formar líderes politizados na sua essência, capazes de contribuir para a qualidade da educação, adquirindo conhecimentos suficientes a respeito de direitos e deveres, tornando assim pessoas também capazes de agir no meio em que vivem.

Questão 14: Tenho certeza que a escola não cumpre a sua função, sempre está preocupada em atender os alunos indisciplinados e quem quer aprender não é atendido como deveria ser.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
13%	24%	28%	25%	10%



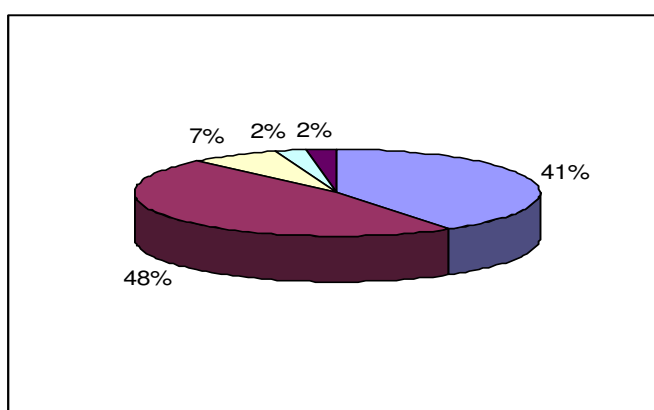
Perguntado sobre a atenção aos alunos indisciplinados aproximadamente 37% (soma dos alunos que concordam totalmente e concordam com a afirmação) acham que a escola deixa de cumprir sua função, atende mais especificamente o aluno que não tem interesse para aprender, não tem disciplina,

prejudicando assim o aluno que realmente está numa sala de aula com interesse na aprendizagem. 28% dos participantes da pesquisa discordam e 25% discordam totalmente da afirmação, acreditando que a escola esta cumprindo com a sua função, além de atender a todos os alunos de uma forma uniforme. A LDB deixa muito claro que todos têm direito à educação, há que se pensar em encaminhamentos metodológicos mais eficazes em sala de aula para atender a diversidade de alunos.

No entanto 53% (somatória dos alunos que concordam e concordam totalmente) dos alunos não acreditam estar sendo prejudicados com a convivência com alunos “desinteressados”. Sabemos que as metodologias utilizadas, bem como os conteúdos trabalhados são para uma classe homogênea.

As questões 15 a 23 têm a finalidade de conhecer de que forma o aluno adolescente aprende, se ouvindo explicações, por meio de imagens, interagindo com colegas e com professor.

Questão 15: A aprendizagem acontece quando eu me interessar, quando estou lendo, escrevendo e comentando com o professor e com os colegas.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
41%	47%	7%	2%	2%



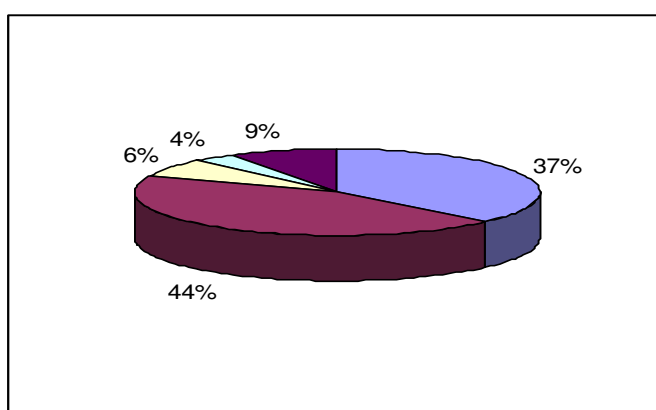
Os dados confirmam o quanto às relações no interior da sala de aula favorece o processo ensino – aprendizagem, não há aprendizagem isolada, o conhecimento é construído. Para tanto, exige do adulto uma ação adequada às possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem de seus educandos.

Esta relação não pode ser reduzida a uma atitude autoritária de quem detém o conhecimento e o transmite. A autoridade deve fecundar a relação educativa e não cerceá-la, o professor deve exercer um papel de mediador (LIBÂNEO, 1993, p.251).

A ação pedagógica para o educador e para o educando passa necessariamente pela relação que cada um estabelece com o próprio conhecimento. Sem dúvida, quando o professor ensina algo ele não está somente ensinando um conteúdo, mas ensina também a forma pela qual o aluno entra em relação com este conteúdo pela própria maneira como ensina, como avalia e o que considera como aprendizagem.

48% dos alunos concordam e 41% deles concordam totalmente que aprendem na interação com os pares. É importante ressaltar que a aprendizagem é uma atividade social, portanto os alunos que aprendem sozinhos, e adolescentes, há que se atentar o porquê preferem trabalhar sozinhos, se é uma característica ou há alguma causa psicossocial.

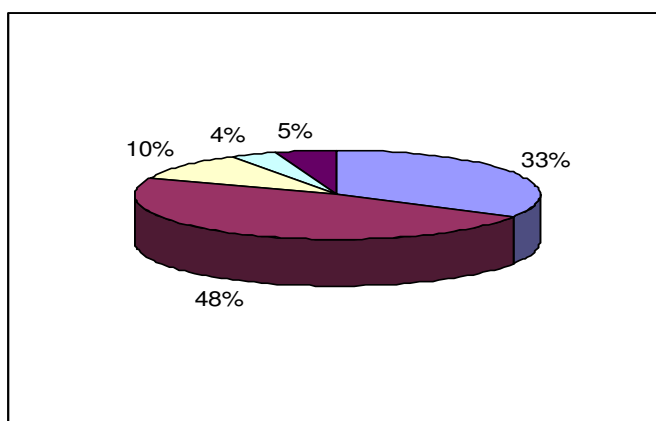
Questão 16: A aprendizagem só acontece quando o professor está bem humorado e tem na sala de aula silêncio absoluto durante a sua explicação.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
37%	44%	6%	4%	9%



Os alunos na sua maioria 81% concordam que para que haja mais seriedade e concentração durante as explicações do professor é necessário um clima silencioso. A questão relacionada ao humor do professor durante a aplicação do questionário causou uma série de comentários entre os alunos “aquele professor quando não dorme direito entra, nem sequer fala bom dia e já manda a gente abrir o

livro e fazer tal exercício”, “tal professora quando briga com o marido a gente já sabe não dá nem para respirar” e outras falas não convenientes.

Questão 17: Há aprendizagem quando temos a capacidade de repassar para outras pessoas aquilo que aprendemos.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
33%	48%	10%	4%	5%

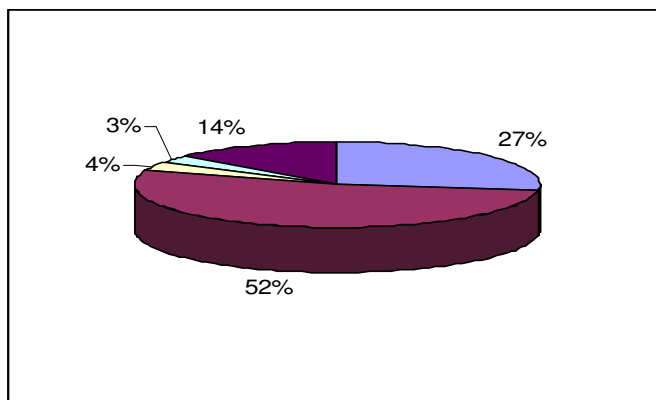


Tem-se aqui um indicativo para o trabalho em grupo podendo a aprendizagem ser considerada uma atividade social.

48% dos alunos concordam e 33% concordam totalmente que sabem que aprenderam determinado conteúdo se forem capazes de repassar para outras pessoas o aprendido. Talvez possa ser um indicativo para incentivar mais assiduamente os trabalhos em dupla ou em grupo.

Muitas vezes um aluno aprende com um colega o que o professor não conseguiu ensinar. Propor atividades em equipe, de forma articulada que promovam debates, a argumentação, produção criativa é uma forma até mesmo de levar o aluno à auto-avaliação.

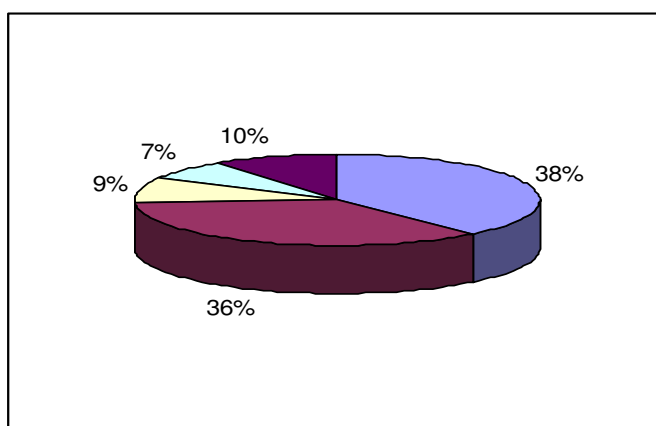
Questão 18: Aprendo mais quando ouço.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo Totalmente	Não respondeu
27%	52%	4%	3%	14%



Os dados mostram que 52% dos participantes da pesquisa responderam que concordam totalmente e 27% concordam aprender mais quando ouvem uma explicação. Não foi citado se explicação do professor ou de colegas.

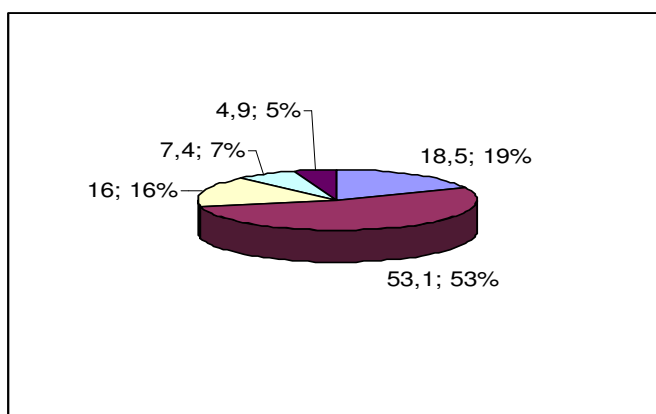
A audição, depois do tato é o primeiro sentido que se desenvolve após o nascimento, é através da audição que nos apropriamos da linguagem falada, e é muito importante que a criança seja estimulada a ouvir desde cedo para desenvolver a capacidade de memorização, organização de idéias, a atenção, mesmo os não auditivos reconhecem a necessidade de ouvir para aprender, é natural.

Questão 19: Aprendo mais quando vejo:				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
38%	36%	9%	7%	10%



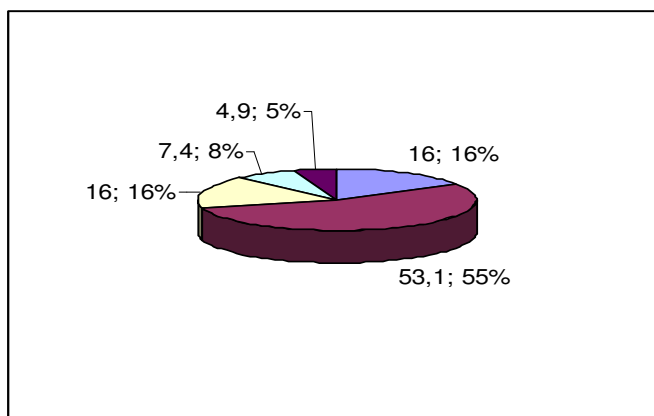
De acordo com as respostas podemos afirmar que 38% dos participantes concordam totalmente e 36% apenas concordam que aprendem mais quando vêm. O número de alunos que discordam foi apenas 16% e os demais 10% que responderam a questão provavelmente nem entendam o que é aprender. Acreditamos que as tecnologias (tv, dvd, computador, retro projetor) possam auxiliar o processo ensino – aprendizagem de forma significativa.

Questão 20: Aprendo mais quando realizo as atividades:				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
19%	53%	16%	7%	5%



Os trabalhos práticos são de acordo com os estudantes uma das principais formas de aprendizagem 72% (soma dos alunos que concordam totalmente e concordam totalmente) afirmam aprender quando realizam as atividades escritas. É necessária a explicação do professor, mas para que haja aprendizagem é essencial a experimentação.

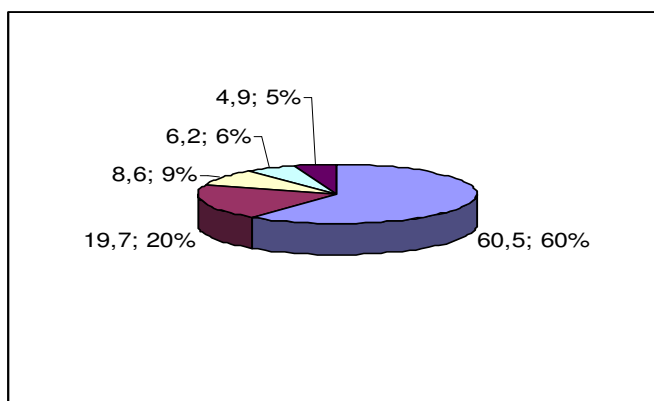
Questão 21: Aprendo mais quando ouço, vejo e faço.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
16%	55%	16%	8%	5%



Os resultados acima mostram que a maioria dos alunos 71% (soma dos alunos que concordam e concordam totalmente) aprende de formas diversificadas: através explicações e de atividades práticas.

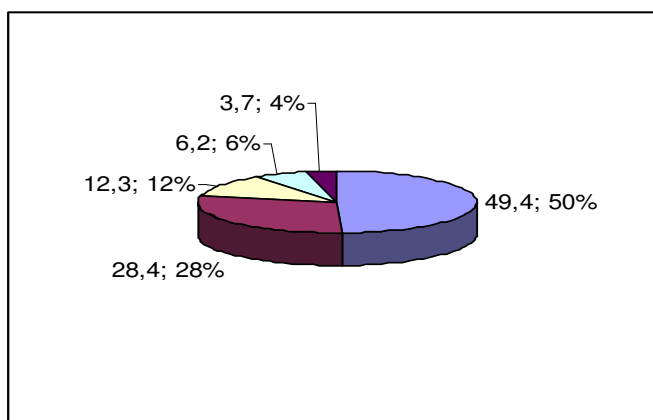
As questões 22 a 27 objetivam conhecer se há o uso de metodologias diversificadas ou não no interior da sala de aula e de que forma cada disciplina da matriz curricular é vista pelos alunos, além do grau de importância segundo eles.

Questão 22: Normalmente as aulas são tradicionais, onde o professor utiliza como material de apoio, quadro e giz.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
60%	20%	9%	6%	5%



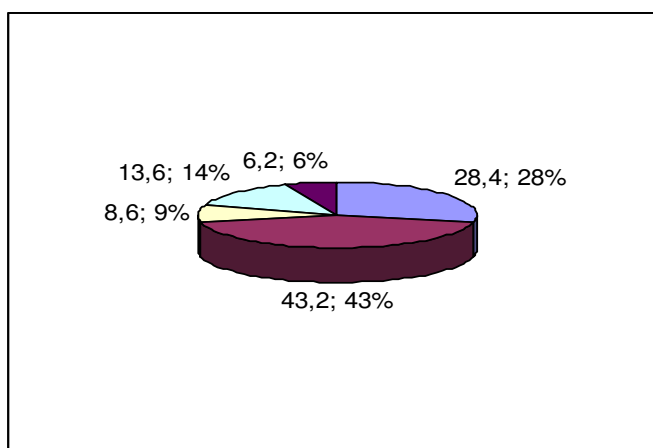
80% dos estudantes que responderam ao questionário afirmaram que a metodologia usada pela maioria dos professores é a tradicional. Apenas 15% dos estudantes não vêem a prática dos professores desta forma. No entanto, percebemos em todas as escolas pesquisada a preocupação por parte dos gestores em proporcionar ao professor o acesso a instrumentos tecnológicos para que possam incrementar suas aulas, favorecendo o interesse e a motivação dos alunos para a aprendizagem. Há muita resistência, insegurança, a metodologia tradicional é conforto para a maioria dos professores. “Não sei por que tem laboratório nesta escola, nunca entramos lá; essa tv na sala de aula só tá aqui para criar poeira”, nós estamos cansados de copiar coisas do quadro.” Comentário feitos pelos alunos durante a realização da pesquisa de campo.

Questão 23: As aulas mais dinâmicas facilitam o aprendizado.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
50%	28%	12%	6%	4%



A maioria dos alunos acredita que as aulas monótonas dificultam a aprendizagem, é preciso confirmação de que o trabalho do professor é a mola que impulsiona a aprendizagem. É certo que a turma deve corresponder à expectativa do professor. Não há método infalível, mas a possibilidade de obter maior sucesso com certeza é quando há afeto, parceria, interesses comuns e vontade.

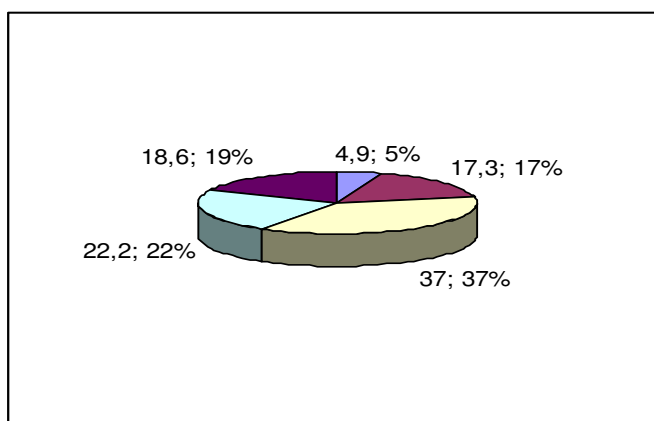
Questão 24: As aulas de Matemática e Ciências são extremamente importantes e dinâmicas.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
28%	43%	9%	14%	6%



Nesta questão podemos perceber que ainda está muito presente que a matemática, e ciências são considerados extremamente importantes. E, apesar dos alunos, questionarem todo o tempo o porquê de aprender os conteúdos matemáticos e raramente obter resposta convincente, ainda assim, a grande maioria acredita que essas disciplinas são importantes e dinâmicas.

Mesmo os professores talvez não estejam convencidos disso, mesmo num mundo violento, gritando por socorro porque a vida está em perigo continuamos pensando que os números são extremamente importantes. São estatística e estatística de desmatamento, de mortalidade infantil, de crimes e acidentes de trânsito. Precisamos trabalhar de forma mais humanizada, mais concreta, para nos darmos conta de que a ação é que faz a diferença, a ciência da matemática nos fornece indicativos e possibilita harmonizar medidas, planejar e projetar uma infinidade de coisas, mas na escola, apesar de ser reconhecido o seu valor, ainda é a disciplina mais temida.

Questão 25: Nas aulas de Geografia e História apenas fazemos leitura dos textos do livro.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
5%	17%	37%	22%	19%

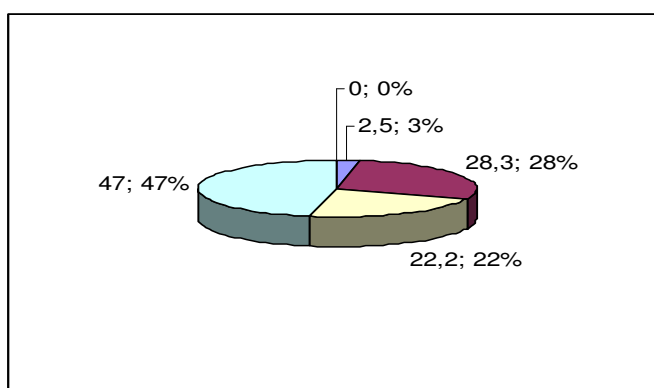


Dos alunos questionados 37% discordam e 22% discordaram totalmente da afirmativa, somando 59% de alunos que concordam que a metodologia utilizada pelos professores de Geografia e História não é apenas de leitura. Faz-nos acreditar que há uma boa parcela de professores que estão efetivamente aproveitando a Formação Continuada para melhorarem sua prática educativa.

Além disso, estão conseguindo ganhar o respeito para suas disciplinas. Por que realmente são importantes. Para compreender a ocupação do espaço, e o processo cultural da humanidade seria impossível sem as ciências humanas que ainda incluem no currículo a filosofia e sociologia.

O processo pode parecer um pouco lento quando se quer resultados imediatos, mas todo o empenho do sistema educacional não está sendo em vão. As propostas curriculares e o envolvimento dos profissionais da educação, em Palotina, são bastante satisfatórios.

Questão 26: As aulas de Educação Física e Artes são estressantes.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
3%	28%	22%	47%	0%

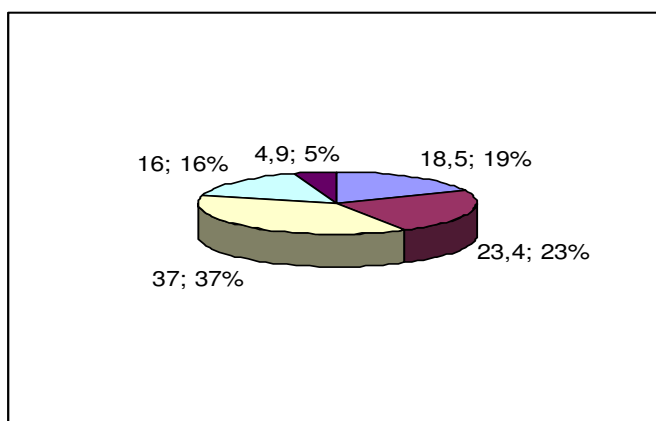


.O investimento nas disciplinas de artes e educação física se confirma o quanto é importante no currículo. Está no gosto da garotada. Pela sua natureza é o recurso mais eficiente para humanização do homem. Exige integração, expressão, criatividade, parceria, cumprimento de regras, trabalho em equipe, e tem um rico patrimônio cultural para ser explorado.

Escrever é uma arte, ler é uma arte, lidar com números e quantidades, e cálculos é uma arte, a música com sua linguagem universal enfim, utilizar-se das artes para encaminhamento de estudo das diversas matérias é trazer o aluno para a motivação ao trabalho.

Em experiências de gestão pode comprovar que realmente usando o esporte e a arte se faz progressos significativos na dinâmica da escola e conseqüentemente no processo ensino-aprendizagem.

Questão 27: Não vejo nenhuma importância em estudar outra língua como, por exemplo, o Inglês.				
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente	Não respondeu
19%	23%	37%	16%	5%



Apesar da afirmativa negativa, os números se dividiram: 42% dos alunos concordam não ver importância no estudo de uma outra língua, enquanto que 53% discordam, pois vê a necessidade de estudar uma outra língua. No entanto durante a aplicação do questionário, comentaram que deveriam ter o direito de escolha, poderia, por exemplo, ser o espanhol ou qualquer outra língua, não universalizar a língua inglesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, que iniciamos as considerações finais deste trabalho julgamos conveniente lembrar do objetivo deste trabalho. Tínhamos como motivação inicial saber qual a opinião dos alunos adolescentes matriculados na 8ª série de escolas públicas e particulares do município de Palotina sobre o processo de ensino–aprendizagem que ocorre no ambiente escolar.

Diante de tudo que foi exposto conhecemos um pouco mais sobre o adolescente e que ele está em permanente debate consigo mesmo, e com o mundo, tentando adequar-se ao estereótipo do masculino e do feminino definido pelo contexto social onde convive. A busca por uma identidade única é um dos problemas que adolescentes freqüentemente encaram, desafiando autoridades e regras como um caminho para se estabelecerem como indivíduos.

A escola como instituição que se propõe a contribuir para a formação do educando como pessoa e como membro da sociedade, mediante a criação de condições e de oportunidades de ampliação e de sistematização de conhecimentos e assim é vista pelos alunos que a valorizam e a vêem como importante para a sua formação. Acreditam que só através da escola conseguirão alcançar seus objetivos, a vêem como meio de ascensão social.

Quanto ao processo ensino-aprendizagem, a opinião dos alunos adolescentes não diverge dos professores, sugerem que haja maior seriedade, exigência, principalmente com os alunos que “não querem estudar”. Que os conteúdos sejam trabalhados de forma mais significativa. É muito importante que os professores estudem formas de lidar com os adolescentes reconhecendo suas potencialidades e limites, respeitando-os na complexidade da fase em que se encontram.

São fatores não motivadores do ambiente escolar, para o aluno o espaço físico inadequado, o mau humor dos professores que na opinião dos alunos tem influência negativa no processo ensino–aprendizagem, a prática tradicional utilizada ainda pela maioria dos professores destas escolas.

A relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcorrem a partir de vínculos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar. A base desta relação vincular é afetiva, pois é através de uma forma de comunicação emocional que o

bebê mobiliza o adulto, garantindo assim os cuidados que necessita. Portanto, é o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem. Seu *status* é fundamental nos primeiros meses de vida, determinando a sobrevivência. Da mesma forma, é a partir da relação com o outro, através do vínculo afetivo que, nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim, conquistando avanços significativos no âmbito cognitivo.

Então nesse sentido, para a criança, é fundamental o vínculo afetivo, que inicialmente apresenta-se na relação pai-mãe-filho e, muitas vezes, irmão(s). No decorrer do desenvolvimento, os vínculos afetivos vão ampliando-se e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem, na época escolar. Para a aprendizagem é necessário dois personagens: ensinante e aprendente; e um vínculo que se estabelece entre ambos. Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar.

Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos e professores, conteúdo escolar, livros, escrita, não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações.

As experiências vividas em sala de aula ocorrem, inicialmente, entre os indivíduos envolvidos. Por meio da mediação, elas vão se internalizando ganham autonomia e passam a fazer parte da história individual. Essas experiências também são afetivas. Os indivíduos internalizam as experiências afetivas com relação a um objeto específico.

Quando se assume que o processo de aprendizagem é social, o foco desloca-se para as interações e os procedimentos de ensino tornam-se fundamentais. O que se diz, como se diz, em que momento e por quê; da mesma forma que, o que se faz, como se faz, em que momento e por que, afetam profundamente as relações professor-aluno, influenciando diretamente o processo de ensino-aprendizagem.

O comportamento do professor, em sala de aula, expressa suas intenções, crenças, seus valores, sentimentos, desejos que afetam cada aluno individualmente. Por meio dos comentários desses alunos, foi possível obter uma amostra de como vêem, sentem e compreendem alguns aspectos do comportamento dos professores

e a influência destes na aprendizagem assim como a estrutura e organização da escola.

As expectativas dos alunos adolescentes estão absolutamente de acordo com a proposta curricular aliada aos objetivos da educação paranaense, que visa uma educação de qualidade, que atenda a diversidade. Como vimos, no Paraná, as escolas estaduais têm recebido investimento na formação continuada dos professores e equipamento das escolas, adequação do espaço físico, equilíbrio entre espaço físico–profissionais–número de alunos; biblioteca do professor, livro didático, eventos como FERA, Com Ciência, jogos escolares; agora Programa Viva Escola– possibilidades de diferentes projetos de enriquecimento curricular; ampliação e concentração da hora atividade para os professores; valorização do profissional da educação com concessão de conquistas importantes no plano de carreira; são muitas ações efetivas a favor da educação compartilhada com os profissionais que estão na escola, processo democrático de participação. Entretanto todo esse investimento não tem causado mudanças significativas na prática, e por este motivo o aluno não pôde desfrutar dessas inovações que ainda são propostas.

Em 2007 foi criado o IDEB – Índice da Educação Básica que tem como objetivo medir a qualidade da educação das escolas de todo o país. A partir deste instrumento o Ministério da Educação traçou metas para cada Estado e para cada escola individualmente.

O Estado do Paraná teve como meta para o ano de 2007 3,3, no entanto atingiu média 4,0. O Estado tem atendido a diversidade tem 401 escolas na zona rural, 19 escolas em assentamentos de sem terras, 02 escolas em remanescentes quilombolas, 08 escolas em comunidades indígenas, além de 1846 escolas nas zonas urbanas que ofertam o Ensino Fundamental das séries finais. Em média as turmas destas escolas urbanas têm 31 alunos. 98% dos docentes que atuam nas escolas públicas do Estado são graduados. O índice de aprovação no Estado atingiu 87,2%, enquanto que a taxa de evasão atingiu 2,8%.

O município de Palotina acompanha os índices do Estado do Paraná se sobressaindo no IDEB onde todas as escolas públicas atingiram média superior a 4,0.

Apesar das estatísticas favorecerem o Estado do Paraná, em especial o município de Palotina, há muito que discutir e colocar em prática, na verdade tudo que é novo causa insegurança, há sim muita resistência por parte de muitos

educadores extremamente tradicionais. A configuração das relações na sala de aula tanto dos conteúdos como na relação professor/aluno permanece em busca de novos caminhos. Rupturas paradigmáticas em conjunto para consolidar um novo jeito de caminhar de construir a escola democrática. Assim como a ponte não se separa de suas travessias, a escola é inseparável de seus sujeitos e do processo pedagógico que nela estão constituídos, como nos lembra Arroyo(2000, p. 27). “Os tempos de escola invadem todos os outros tempos... É o outro em nós.”

Neste sentido, cada um dos sujeitos da escola desenvolve e constrói um novo tempo, um tempo de caminhar e fazer travessias.

Não há pretensão de terminar esta discussão, mas talvez instigar uma reflexão sobre o real papel da escola e do professor. As práticas metodológicas utilizadas na sala de aula, bem como a importância da relação professor–aluno, no processo ensino–aprendizagem e quem saiba termos no futuro uma escola de acordo com o sonho de Paulo Freire (2000, p. 55):

Em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o “círculo de cultura”. Em lugar do professor, com tradições fortemente “doadoras”, o coordenador de debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupos. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Júlio Groppa, **Indisciplina na escola**. São Paulo: Summus, 1996.
- AUSUBEL, David Paul. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.
- BECKER, Daniel. **O que é adolescência?** São Paulo: Brasiliense, 1996. (Primeiros Passos).
- BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **LDB passo a passo**. São Paulo: AVERCAMP, 2006.
- BRASIL. Câmara de Educação Básica. Parecer nº 04/98, de 29 de janeiro de 1998. Diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental. **Dário Oficial**, 1998.
- BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Thesaurus Brasileiro da Educação**. Brasília, 2001.
- CÂNDIDO, Antônio. A estrutura da escola. In: PEREIRA, Luiz, FORACCHI, Marialice M. **Educação e sociedade** : leituras de sociologia da educação. São Paulo: Nacional, 1964. p. 107-128.
- FREIRE, P. **Essa escola chamada vida**: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho 11. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- _____. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2001a.
- _____. **A pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora Unesp, 2001b.
- HORN, Geraldo Balduino. **Metodologia de pesquisa**. Curitiba: IESDE Brasil, 2003.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.
- _____. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1993.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 4. ed. São Paulo: Papirus, 2001.

NOVA ESCOLA: Como o jovem vê a escola: uma relação de amor e ódio, São Paulo, n. 200, mar., 2007.

NOVA ESCOLA: Currículo - o norte para a aprendizagem, São Paulo, n. 209, jan./fev. 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares Estaduais**, Curitiba: MEMYAUMEM, 2006.

PEREIRA, Elcimar Dias.; PINTO, Joana Plaza. Adolescência: como se faz? – apontamentos sobre discursos, corpos e processos educativos. **Fazendo Gênero**, Goiânia: Grupo Transas do Corpo, n. 17, jul./out. 2003. Disponível em: <<http://www.transasdocorpo.org.br/pdfs/FazGen17.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2008.

PIAGET, Jean. A linguagem e o desenvolvimento da criança. Lisboa: Moraes, 1997.

REGINATO, Pe. Pedro. **História de Palotina**. Santa Maria, RS: Pallotti, 1979.

SANTOS, Elizabete dos. **Fundamentos gerais da educação básica**. Curitiba: IESDE, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico – crítica**: primeiras aproximações. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 33. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SETUBAL, Maria Alice et al. Currículo e autonomia da escola. **Idéias**: currículo conhecimento e sociedade, São Paulo, n. 26, p. 151-159, 1988.

SILVA, Maria Abadia de. **Educadores e educando**. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, 2005.

SILVA, Daniel Vieira da. **Psicomotricidade**. Curitiba: IESDE, 2003.

SOUSA, Márcia Helena de; MARTINS, Maria Aurora Mendes. **Psicologia do desenvolvimento**: Curitiba: IESDE, 2006.

TIBA, Içami. **Puberdade e adolescência**, São Paulo: Agora, 1986.

VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho; BRITO, Regina Helena Pires. **Conceitos de educação em Paulo Freire**. Petrópolis: Vozes, 2006.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **Formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)